

Paraíba possui 1,3 mil pessoas desaparecidas

De acordo com a Polícia, nos últimos 18 meses foram registrados mais de 500 sumiços, dos quais 81 continuam sem solução. [Página 3](#)

Almanaque



Foto: Marcus Antonius

Hotel Tambaú: vende-se um cartão-postal

A trajetória do hotel que é a cara de João Pessoa, uma edificação ousada, mas que teria causado danos ao meio ambiente e está prestes a ser leiloado. [Página 17](#)

Entrevista



Foto: Divulgação

Renata Schmidt Comandante do HGwJP fala sobre os desafios de conduzir um hospital militar durante a pandemia. [Página 4](#)

Cultura

Poetas da Paraíba serão celebrados em Pernambuco

Colóquio realizado virtualmente pela UFPE irá abordar a poesia feita a partir de 1965 nos dois estados. [Página 9](#)

GIRO NOS MUNICÍPIOS Paraíba



Foto: Romildo Sousa/Divulgação

Ao ar livre Em Catolé do Rocha, turismo ecológico e de aventura ganham força no município sertanejo. [Página 8](#)

Diversidade RADAR ECOLÓGICO

Foto: Mar Aberto/Divulgação



Mar aberto Antecipando-se à "era da preservação dos oceanos", a partir de 2021, projeto da PB monitora fauna marinha, procurando engajar população, universidades e governos. [Páginas 13 e 14](#)

Paraíba

Foto: Agência Brasil



Polêmica Doze vítimas de estupro conseguiram realizar aborto na cidade de João Pessoa em 2019. [Páginas 6 e 7](#)

Diversidade

Imposto sobre o consumo: como aliviar o bolso?

Especialistas em gestão tributária apontam caminhos para desonerar produtos do dia a dia. [Página 15](#)

Esportes

Pressionado por vitória, Belo encara o Remo no PA

Para a partida de hoje, em Belém, Zimmerman vai contar, desta vez, com quase todos os titulares. [Página 12](#)

Pensar

A política nossa de cada dia

Especialistas discutem, ao longo de quatro páginas, o que há por trás do conceito de política e como ela influencia nosso hoje e o amanhã.



Depoimento Infectologista, Priscilla Sá narra a rotina do Trauma de Campina Grande em meio à pandemia do novo coronavírus: pesquisas, estresse e distância da família. [Página 16](#)

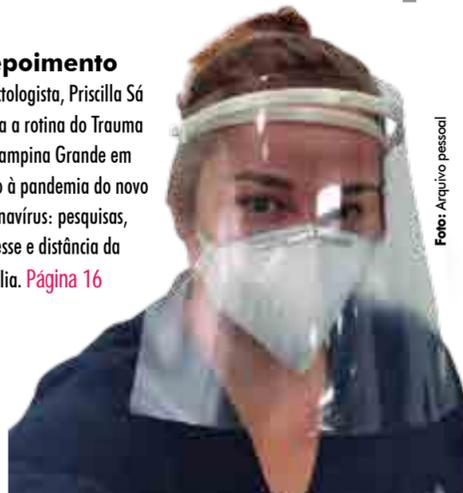


Foto: Arquivo pessoal



MÊS DE INCENTIVO À DOAÇÃO DE ÓRGÃOS

EPC

Editorial

Era Milicianiana

Há sonhos assustadores, que cenas de reportagens, veiculadas na televisão, às vezes provocam em algumas pessoas mais sensíveis. Um deles remete a uma sociedade global, distópica, habitante de uma planície sem florestas e de poucos rios, portanto, semidesértica, com profundas reentrâncias (memória dos conflitos nucleares), na qual também despontam as ruínas das instituições republicanas, objeto de uma Arqueologia dos Valores Antigos.

Nesta sociedade, caracterizada pela fragmentação social, a comunicação entre milhares de grupos armados, representantes de tendências ideológicas, doutrinas filosóficas e sistemas religiosos, uns no ataque, outros na defensiva, é protagonizada por intermediários radicais que não tiveram acesso ao acervo científico e literário que jaz sob a intolerância desta Idade do Humanismo ao Rês do Chão, ou seja, sob os escombros dos complexos educacionais.

Uma espécie de Nova Idade Média, como predisse o pensador italiano Umberto Eco (1932-2016), em um de seus mais famosos livros de ensaios, Viagem na irrealidade cotidiana, na qual os poucos ricos se armam e se encastelam – uma projeção do que acontece hoje nos condomínios de luxo -, para se defenderem das gigantescas hordas de bárbaros, herdeiras da Era do Obscurantismo Político, dos Desastres Ambientais e das Grandes Desigualdades Sociais.

Predições de qualquer natureza à parte, o fato é que uma leitura atenta do mundo contemporâneo enseja mesmo uma séria preocupação com o futuro da sociedade humana. Ataca-se já, frontalmente, as instituições democráticas, entre elas, a imprensa, e o que é verdade vai se diluindo, como a última gota de sanidade, no mar revolto de uma contrainformação planejada, no seio do qual surge um assustador Frankstein, que não se sabe se é mentira ou realidade.

Demolir o Estado Democrático de Direito significa destruir um ideal de futuro; aquele tempo novo, fruto de uma profunda transformação social, no qual a convivência solidária deixaria de ser um conceito abstrato, uma bandeira de luta, para tornar-se uma prática habitual entre as pessoas. Esse é o compromisso que se deve ter com as gerações de hoje e do amanhã: implodir qualquer possibilidade de estabelecimento de uma sanguinolenta Era Milicianiana.

Artigo

Martinho Moreira Franco
martinhomoreirafanco46@gmail.com

Desgraça pouca é bobagem

Conversar sobre doenças é uma... doença. Duvido que uma pessoa ouça outra reclamar, por exemplo, de cefaleia e não rebata imediatamente com uma queixa sobre cólica. É inevitável. E o diálogo sempre se prolonga em relatos e males cada vez mais competitivos. Sim, porque ninguém dá o braço a torcer nem quer ser passado pra trás por dores intercaladas na disputa. O caso de um tem de ser necessariamente mais sério que o do outro. Se a competição tornar-se fastidiosa, entra em cena algum parente ou pessoa amiga. Feito sopa no mel, há sempre um parente ou uma pessoa amiga que está ou esteve com problema de saúde sugestivo o bastante para a retomada do interesse na querela. Entrando em pauta a hipertensão, o litígio se torna particularmente acirrado:

- Rapaz, minha pressão ontem estava a 15 x 10.
- Oxente! Isso é fichinha, amigo. A minha chegou um dia a 17 x 13.
- Por isso não, que um cunhado meu já fez 21 x 14.
- Tá danado! Aí é pressão de panela... E escapou?
- Está vendendo saúde. Era de fundo emocional.
- Bem, se escapou, o importante é que emoções ele sentiu...

Outro quadro inspirador de demandas veementes é o das taxas de colesterol, glicose e triglicerídeos, entre outras substâncias presentes nas nossas células. A dança dos números, ou melhor, dos níveis, começa em ritmo de valsa e não custa a evoluir para o mais frenético dancin' days. Só conheci uma situação absolutamente fora de série nesse campo: a de um antigo e saudoso companheiro de trabalho em agência de propaganda à qual prestei serviços. Os triglicerídeos dele alcançaram em certa tomada a inacreditável marca de 2.000, fenômeno que intrigou por longo tem-

po experientes donos de laboratórios clínicos da cidade. Para o meu querido colega de escritório, não havia páreo.

Cefaleia, cólica, pressão arterial, gorduras... o arsenal oferece munição inesgotável para a guerra das doenças. Tive duas vizinhas que rotineiramente trocavam petardos de alto teor explosivo na praça de guerra verbal em torno do mesmo tema. Mais das vezes, nem chegavam ao confronto no campo de batalha da rua: do jardim ou do portão de cada casa mesmo, disparavam seus artefatos em emulação que familiares e vizinhança acompanhavam entre curiosos e atônitos. Raras enfermidades escapavam do fogo cruzado. Ainda bem que, entre mortos e feridos, salvavam-se todos. E a controvérsia recebia alta, até novo embate entre as especialistas em padecimento. Fui testemunha auricular dessa história por vários anos.

Toco no assunto apenas porque na semana passada o meu estimado Luiz Augusto de Paiva elencou uma infinida-

de de moléstias supostamente referidas por mim mesmo como desculpas que usaria para deixar na fila de espera convites de cunho alcoólico. O confrade se excedeu no rol das patologias a ponto de deixar apreensivas algumas pessoas que já me viram baixar salas de cirurgia, enfermarias e UTIs em atribulado estágio hospitalar da minha vida. Não nego, é verdade, que vez por outra entro com dois cânceres no prontuário vencido, sobretudo quando alguém vem me falar a respeito desse mal. Como a natureza humana não falha, também sou chegado a um joguinho de conteúdo mórbido. Faz parte, desculpem. Inexiste remédio para evitar a manifestação de tal síndrome, seja lá com que intensidade for. E atire a primeira bula quem nunca tomou dessa dose. Mas estou relativamente bem de saúde, vocês podem ficar tranquilos.

/// Começa em ritmo de valsa e não custa a evoluir para o mais frenético dancin' days. ///

Artigo

Sitônio Pinto
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

O cavalo de Hirohito

Tivesse o Brasil a sorte da Academia Paraibana de Letras nas eleições que se realizam hoje para o preenchimento de uma de suas cadeiras – vaga com a morte do imortal que a ocupava-, o país de Macunáma estaria muito bem entregue na condução de sua trajetória histórica. Cinco candidatos se apresentam a escolha do seletor eleitoral, e todos quatro são dignos de receber o sufrágio dos intelectuais da província.

Dos notáveis candidatos, dois se destacam como os mais prováveis vencedores do pleito difícil, neste primeiro turno: o gramático Francelino Pereira e o procurador da República Eitel Santiago. A notícia que esses dois ilustres filhos da terra disputam a mesma cadeira na casa de Coriolano Medeiros deixa-me feliz e apreensivo. É que as eleições naquela casa soem deixar um ressaibo junto ao candidato que teve menos sorte em relação a seus amigos.

Assim: votei no saudoso Nelson Coelho, mas ele não acreditou. Deixei de votar no meu colega Aranha para sufragar o nome de Nelson, mas o colega Nelson nunca acreditou na minha opção. E assim foi de outras vezes em que comparei ao casarão das letras para sufragar o nome de alguém. Quisera eu que esse pleito fosse aberto como as eleições de antes de 1930, como as que deram um resultado absoluto aos presidentes Epitácio e seu infelicitado sobrinho.

A Paraíba tem muitos beletristas, mas poucos estudiosos que se debruçam sobre os abismos da última flor. //

gramática. A Língua Portuguesa tem no professor Francelino um de seus maiores campeões. Agora, ele pede azeite na casa das letras. Não teria lugar melhor para ir; resta saber se os imortais da casa de Tambiá o aceitarão.

O outro candidato à casa supra é o professor e procurador da República Eitel Santiago de Brito Pereira. O leitor deve ter notado que há três Pereiras neste texto: Francelino, linhas Eitel e o locutor que vos fala nestas linhas bisonhas. Será que somos parentes? Bem que eu gostaria de ter a inteligência de um e a bravura do outro. A bravura é marca registrada dos Brito Pereira, a descendência de Joacil.

Escute essa: durante a Segunda Guerra Mundial, o Doutor Joacil foi convocado para o serviço militar. Ele sentou praça no 22º Batalhão de Caçadores (22º BC). Mas não foi para a guerra: ficou "nas praias", como se dizia do efetivo brasileiro que ficou estacionado no "proeminente nordestino", esperando um possível desembarque nazista. Aí o comandante coronel da força brasileira, passando em revista a tropa, não gostou de um detalhe no cabo 545 (a centena de Joacil).

Abusadamente, o coronel deu uma tapa no rosto do cabo, que revidou com um soco no queixo do oficial. Em tempo de guerra isso dava corte marcial, fuzilamento. Mas o cabo 545 foi poupado: pegou uma cadeia numa cela à beira-mar, que inundava na marés altas. A notícia chegou na Alemanha, que o cabo 545 vinha aí e a guerra terminou. Joacil ia para o Japão, mas os japoneses souberam do Episódio das Praias e se renderam. Até o cavalo branco de Hirohito.

/// A Paraíba tem muitos beletristas, mas poucos estudiosos que se debruçam sobre os abismos da última flor. ///

Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigea Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA:
99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Famílias procuram por 1.370 pessoas desaparecidas na PB

A Polícia Civil registrou, em 18 meses, 565 desaparecimentos, sendo que 81 desses casos continuam sem solução

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

Maria Betânia não esquece o dia em que procurou pelo filho e não achou. José Edson tinha 38 anos quando desapareceu sem deixar pistas. “Desespero total. Você não sabe como agir e ao mesmo tempo você sai procurando do jeito que pode. Uma aflição que não dá pra descrever”. José, que sofre com problemas mentais, foi encontrado uma semana depois pondo fim ao desespero da mãe e dos parentes.

Mas esse é um desfecho que infelizmente ainda não aconteceu para 1.370 famílias paraibanas que sofrem a angústia de ter um ente desaparecido, os dados são dos últimos 13 anos. Este mês a Polícia Civil do Estado enviou relatório ao Ministério Público da Paraíba (MPPB) informando que em

18 meses (outubro de 2018 a março deste ano), foram registrados 565 desaparecimentos, com 81 casos ainda sem resolução. “São famílias cansadas de uma espera que não acaba e que não permite encerrar essa situação sem que haja uma resposta”, detalha a promotora de Justiça Elaine Cristina Alencar, que integra o Programa de Localização e Identificação de Desaparecidos (Plid/MPPB).

Na Paraíba, o programa que objetiva colaborar com a elucidação no desaparecimento de pessoas foi implementado em 2018 e atua disponibilizando e fazendo o cruzamento de informações em sistemas de cadastros de todo o país. “Muitas vezes um desaparecido aqui foi localizado em outro Estado, cuja informação não foi possível ser cruzada pelos órgãos primários de atendimento”.

A promotora explica que não há um “perfil” e sim uma “preponderância” em relação aos desaparecidos no Estado. “São pessoas do sexo masculino. No caso dos adultos desaparecem por vezes de modo voluntário ou em decorrência da violência urbana”. No caso das mulheres o desaparecimento quase nunca acontece de maneira voluntária e, segundo registros, se dão pela violência doméstica e pela possibilidade de tráfico humano. A promotora explica que os números são frágeis devido a ausência de dados que facilitem o mapeamento. “Além do que há uma subnotificação, que ocorre em todo o país e também aqui no Estado. O que se pode dizer de forma geral sobre desaparecimento no Brasil é que as causas estão ligadas à voluntariedade, violência e conflitos domésticos, pessoas idosas e senis



Foto: Divulgação

Promotora Elaine Cristina Alencar integra o Programa de Localização e Identificação de Desaparecidos do MPPB

e com doenças mentais além da drogadição, quando pessoas acabam em situação de rua por força do uso de drogas.”

Apesar de haver mais de 1.300 desaparecidos em todo o Estado, de acordo com a soma feita desde 2007, o MPPB está atuando

em apenas 93. A busca pelo serviço é feita de maneira voluntária e está disponível para todas as famílias, mesmo que o desaparecimento seja antigo, uma vez que é objetivo do programa contribuir para a resolução dos casos. Vale lembrar que uma pessoa é considerada desa-

parecida quando não pode ser localizada nos lugares que costuma frequentar, nem encontrada de qualquer outra forma, segundo a cartilha educativa elaborada pelo próprio MPPB que esclarece sobre como prevenir e proceder em casos de desaparecimento.

Loja dedicada ao algodão colorido reabre em JP

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

O centro de arte, cultura e moda Raízes Da Terra, pioneiro na confecção de roupas com o famoso algodão colorido paraibano, está reabrindo as portas depois de sete meses fechado. Uma retomada com ares de recomeço e que chega com muitas novidades. “Um espaço plural e democrático onde artistas paraibanos poderão expor seus trabalhos e onde o turista vai encontrar o melhor da arte e do que temos na nossa Paraíba”, explica Ana Maia, jornalista, estilista e uma entusiasta do Centro Histórico.

Além de muita arte

o espaço vai contar ainda com lanchonete, cachaçaria e sebo. “A ideia é todo mês termos um evento diferente. Lançamento de livros, exposições, de modo a congregar a cultura em todos os seus aspectos. Também vamos oferecer Happy Hour até as 20h”.

No casarão de número 39, localizado na Praça Antenor Navarro, térreo e mezanino expõem obras tanto de artistas renomados quanto de anônimos. Telas, esculturas de cerâmica e sucata, luminárias, carrinhos esculpido na madeira, bolsas e pufes em palha. E mais, mandalas feitas com areia colorida, objetos garimpados em viagens e uma pare-



Foto: Roberto Guedes

Ambiente localizado na Praça Antenor Navarro passou sete meses fechado

de onde pratos de louça chamam a atenção. São milhares de peças que enriquecem e embelezam o lugar que, claro, tem espaço garantido para a moda que colocou o Estado

na vitrine do mundo. No Raízes DaTerra o algodão colorido ganha formas, modelos, preenche cabides e veste manequins. Um verdadeiro recorte da Paraíba em um dos

pontos turísticos mais importantes do Estado.

O centro de arte, cultura e moda Raízes DaTerra já está com a loja em funcionamento mas a ideia é que a abertura oficial aconteça no início do próximo mês. “Claro que com toda a segurança e cuidados necessários em tempos de pandemia”. A responsável pelo espaço, Ana Maia, ocupa a Praça Antenor Navarro há 18 anos. Primeiro em um casarão onde funcionava o ateliê e nos últimos oito anos no casarão 39. A entrevistada, que hoje comemora a reabertura do lugar confessa que pensou em desistir por conta da

situação de abandono em que se encontra a praça. “O Centro Histórico todo precisa do olhar sensível dos governantes. A Praça Antenor Navarro tem potencial e eu acredito nele, tivemos um período nos anos 2000, quando ela foi reformada, que movimentou e que as pessoas vinham pra cá”, lembra.

Enquanto isso não acontece, Ana Maia segue acreditando e contribuindo para a ocupação da área, referência no turismo histórico da Paraíba. “Em cada canto um espaço plural para mostra as belezas DaTerra para turistas e paraibanos”, finaliza.

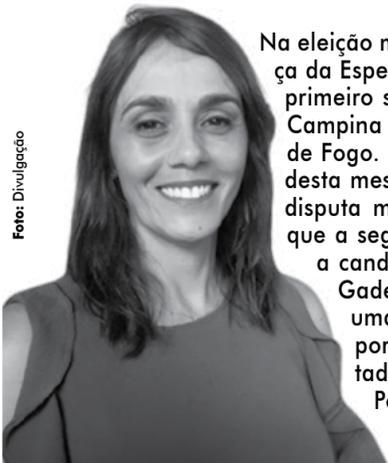
UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

DEPUTADOS FEDERAIS E SUPLENTE ESTÃO NA LISTA DE CANDIDATOS A PREFEITOS NA PB

Na eleição municipal deste ano, três suplentes de deputado federal da coligação ‘A Força da Esperança I’ estão disputando prefeituras na Paraíba: Leonardo Gadelha (PSC), primeiro suplente, é candidato em Sousa; Bruno Cunha Lima (PSD), o segundo, em Campina Grande, e Manoel Júnior (Solidariedade) disputa a prefeitura em Pedras de Fogo. Interessante notar é que dois deputados federais em exercício de mandato desta mesma coligação, Ruy Carneiro e Edna Henriques, ambos do PSDB, estão em disputa majoritária. O primeiro é candidato a prefeito de João Pessoa, enquanto que a segunda é candidata a vice-prefeita de Monteiro, numa chapa bem familiar: a candidata a prefeita é sua filha, Micheile Henriques. A propósito de Leonardo Gadelha, ele não conseguiu cadeira na Câmara Federal na eleição de 2018 por uma diferença de apenas 478 votos – obteve 60.782 votos. O último a entrar, por número de votos, foi justamente Ruy Carneiro, com 61.259. E a mais votada para deputada federal em 2018 foi Ana Cláudia Vital do Rêgo (foto), do Podemos, que obteve 49.248 pela coligação ‘A Força do Trabalho I’ e, agora, é candidata a prefeita de Campina Grande.

Foto: Divulgação



FICARIA NA VEZ PARA ASSUMIR

A propósito de Ana Cláudia, na hipótese de ela eleger-se prefeita de Campina Grande, quem se beneficiaria era o vereador de João Pessoa Bispo José Luiz (PRB). É que Ana Cláudia é a primeira suplente da coligação ‘A Força do Trabalho I’ e ele é o segundo. Se houver licença de algum deputado do PSB, PTB, PRB, PT, DEM ou PDT, ele assumiria cadeira na Câmara Federal.

DEPUTADOS ESTADUAIS CANDIDATOS

Entre os deputados estaduais, dois vão disputar prefeituras na Paraíba: Galego Souza (PP), em São Bento, e Anísio Maia (PT), em João Pessoa – há que se dizer que a candidatura do petista, porém, devará ser rifada, por causa da anulação da convenção pela Executiva Nacional do PT. Na hipótese de Galego vencer, assume cadeira na ALPB Dra. Jane (PP).

72 CONGRESSISTAS DISPUTAM

Levantamento feito após a homologação de candidaturas a prefeito em todo o país mostra que 72 congressistas, sendo 70 deputados e dois senadores, vão disputar prefeituras em todo o país. A quantidade é quase a mesma da que foi registrada nas eleições de 2016, quando 73 congressistas concorreram a cargos majoritários.

“É UMA VIOLÊNCIA DO PT”

Do presidente nacional do PSB, Carlos Siqueira, jogando mais lenha na fogueira no embate entre os socialistas e o PT de João Pessoa, por conta da decisão da Executiva do PT de retirar a candidatura de Anísio Maia para apoiar Ricardo Coutinho: “É uma violência do PT tirar a candidatura para apoiar Coutinho com vistas a [acordo para] 2022. Se for assim, que o PT retire esse apoio”.

PARA NÃO FICAR ISOLADO

Em que pese as declarações de Carlos Siqueira – “Se o PT deu com a intenção de aliança em 2022, que retire esse apoio e respeite a decisão do diretório municipal petista” –, dificilmente o PSB de João Pessoa, que teria autonomia para tal decisão, rejeitaria uma aliança com os petistas. Até para não ficar isolado na disputa.

TRE INSTALA NA SEGUNDA-FEIRA COMISSÃO QUE AUDITARÁ URNAS

Na próxima segunda-feira, o Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB) vai instalar a Comissão de Auditoria de Votação Eletrônica das Eleições 2020, que conduzirá os trabalhos de auditoria do funcionamento das urnas eletrônicas na Paraíba. A reunião será presidida pelo juiz de Direito José Ferreira Ramos, na sede do órgão, em João Pessoa.

Renata Schmidt,
Tenente-coronel, comandante do HGuJP

“O comando é oportunidade única na carreira”

À frente do Hospital de Guarnição, ela é uma das poucas comandantes de unidade militar das Forças Armadas

José Alves
zavieira2@gmail.com

Formada pela Escola de Saúde do Exército Brasileiro em 1999, a tenente-coronel Renata Cristina de Almeida Martins Schmidt, 48 anos, assumiu em janeiro deste ano a direção do Hospital de Guarnição de João Pessoa (HGuJP). Após uma minuciosa avaliação por sua competência e potencial, ela tomou posse. É a terceira mulher a ocupar o comando da unidade de saúde que foi fundada no ano de 1958 ao lado do 1º Grupamento de Engenharia, na Avenida Epitácio Pessoa, que fica no Bairro dos Estados.

O hospital foi criado especificamente para atender os militares das Forças Armadas e

seus dependentes. A unidade presta assistência à saúde em caráter de baixa e média complexidade a cerca de 10 mil usuários, dentre os quais militares do Exército, pensionistas militares, funcionários civis do Exército, ex-combatentes, militares da Marinha do Brasil e da Força Aérea Brasileira. Os atendimentos também são extensivos a seus respectivos dependentes, dentro da área de sua responsabilidade que abrange toda a Paraíba.

O Hospital de Guarnição de João Pessoa conta com mais de 300 profissionais entre militares e servidores civis que atendem diariamente os usuários em diversas especialidades. O corpo médico é composto por anesthesiologistas, cardiologistas, cirurgiões gerais e vascular, clínico



Fotos: Divulgação

geral, dermatologistas, endocrinologistas, ginecologistas, obstetras, geriatras, mastologistas, neurologistas, oftalmologistas, otorrinolaringologistas, ortopedistas, pediatras, radiologistas e urologistas. A unidade também dispõe de laboratório de análises clínicas, pronto atendimento (24 horas), fisioterapia e fonoaudiologia, e ainda dispõe de convênios com diversas clínicas, hospitais e profissionais autônomos.

Natural de Belford-Roxo (RJ), a tenente-coronel Renata vê o empoderamento feminino nas Forças Armadas nas últimas décadas de forma bastante positiva. Nesta entrevista ao Jornal A União, disse que o maior desafio para uma mulher seguir a carreira militar é romper o paradigma da visão que se tem das mulheres segundo estereótipos. Veja como é o dia a dia no hospital que tem uma mulher no comando.

A entrevista

Por que a senhora decidiu seguir a carreira militar?

■ Foi durante a faculdade de Medicina. Meu pai era fuzileiro naval e me incentivou a ser médica militar. Fui médica temporária da Força Aérea Brasileira por 3 anos. Gostei da experiência e quis seguir a carreira. A família sempre me apoiou em tudo.

Mesmo na área médica, qualquer militar precisa passar por período de treinamento físico e de uso de arma. Como foi essa experiência?

■ Sou graduada em Medicina pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e pós-graduada em cardiologia pela Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Como todo militar em formação, fui submetida a treinamento físico militar e uso de arma sem problemas. Tudo é feito com muita segurança e acompanhamento dos instrutores. Gosto de atirar.

Como é o dia a dia da comandante Renata? Ao longo da carreira a senhora se deparou com alguma situação de um militar masculino agir de forma preconceituosa, de um olhar atravessado pelo fato de ter que obedecer a uma mulher?

■ O dia a dia é sempre

muito cheio de atividades, reuniões e planejamentos. Tenho apoio de todos os integrantes do hospital, sou respeitada por todos. O comando é uma oportunidade única na carreira de todo militar. Os pilares do Exército são a hierarquia e disciplina, todos nós temos essa consciência, não tenho necessidade de me impor. No meio civil sou tratada com respeito e admiração.

A senhora comanda uma unidade do Exército. E o Hospital de Guarnição de João Pessoa entrou para a história da força por ter tido a primeira mulher ocupando uma função de comando. Como a senhora observa essa situação?

■ Desde o ano de 2011 as oficiais médicas do Exército Brasileiro estão presentes nos cursos de comando e Estado-Maior para oficiais médicos da ECEME (Escola de Comando e Estado-Maior do Exército), participando do universo para o comando de Organizações Militares de Saúde. A escolha para o Comando é muito peculiar e segue o fluxo natural da carreira militar.

Existem projetos de ações sociais junto a comunidades carentes, feitos por unidades do Exército? A senhora poderia citar algumas

dessas atividades já realizadas?

■ Sim, as Ações Cívicas Sociais (ACISO) geralmente são um conjunto de atividades de caráter temporário, de assistência e auxílio às comunidades. Em tempos de enfrentamento da pandemia pelo novo coronavírus o HGuJP realizou campanha de doação de alimentos e roupas a instituições.

Há algumas décadas o hospital funcionava sob o comando do Grupamento de Engenharia, era também maternidade e atendia a população civil, tendo na sua equipe médica profissionais civis. Quando se tornou um comando independente?

■ Decidiu-se pela criação do HGuJP como unidade com autonomia administrativa em 1995. Em 27 de dezembro de 1995, foi nomeado o primeiro diretor do hospital, o então capitão médico, Waldir da Silva Lucena, e em 29 de março do ano seguinte, foi inaugurado oficialmente o hospital (data oficial de sua criação).

Ainda há algum tipo de atendimento deste tipo com a presença de pessoal civil? Em caso positivo, quais os serviços e onde atuam esses civis?

■ Não, atualmente o HGuJP presta seus servi-

ços à família militar da Guarnição de João Pessoa.

Qual a estrutura e a área de abrangência do Hospital de Guarnição de João Pessoa atualmente e qual o número de profissionais que trabalham no hospital?

■ O HGuJP é classificado como hospital militar tipo 2, do tipo pavilhonar, que realiza atendimentos de baixa e média complexidade. O efetivo atual do hospital é de 321 integrantes entre oficiais, praças e servidores civis.

Apesar do Hospital de Guarnição ser uma unidade militar e não ser referência para tratamento de covid-19, a pandemia de alguma forma afetou o dia a dia da unidade?

■ Sim, desde março os atendimentos eletivos foram suspensos, criamos um novo fluxo de atendimento para o Atendimento Básico de Saúde (ABAS) e pronto atendimento, com uma triagem respiratória e implementamos o teleatendimento em diversas áreas do hospital.

O hospital pode ser usado no atendimento a pacientes de covid-19 caso seja necessário?

■ Sim, o Pronto Atendimento e a Unidade de Internação são capazes de atender pacientes suspeitos ou confirmados com a covid-19.

Quais medidas/protocolos que foram adotados a partir do surgimento da covid-19, e quando essas medidas foram tomadas?

■ Foram criados e implementadas medidas e protocolos para os diversos setores do hospital, não somente na área técnica, mas também na área administrativa, desde março de 2020.

Houve registro de militares do Exército contaminados pelo coronavírus na Guarnição de João Pessoa? No caso, o tratamento vem sendo feito pelo próprio Hospital?

■ Sim. No hospital e organizações de civis de saúde conveniadas ao Fused (Fundo de Saúde do Exército).

A senhora percebe que ocupando o cargo de comando e postos cada vez mais elevados, acaba servindo de exemplo para jovens que sonham em seguir a carreira militar?

■ Sim, é muito comum isso acontecer. Tenho muito orgulho da carreira que escolhi.





Dia da Árvore celebra a flora que deixa a Paraíba verde

Da Caatinga ao Litoral, a preservação das espécies nativas ainda dão personalidade às várias regiões do Estado

Juliana Cavalcanti
juliana.ferreiracavalcanti@gmail.com



A verde João Pessoa

Amanhã, 21 de setembro, comemora-se no Brasil o Dia da Árvore. A data faz homenagem à rica flora brasileira que dá o tom tropical do país, com sua imensa variedade de espécies. A Paraíba possui atualmente uma cobertura de vegetação natural de aproximadamente 2,5 milhões de hectares, com predominância da Caatinga. Isto equivale a 45% do território do Estado. Os dados fazem parte do inventário nacional 2019 divulgados pela Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema-PB).

No entanto, os maiores problemas, conforme o órgão, estão relacionados ao desmatamento, em especial na Mata Atlântica, pois este local sofre pressões tanto da especulação imobiliária quanto do setor agrícola, já que faz parte da porção do estado onde o regime hídrico é mais favorável. Além disso, no interior paraibano, a agropecuária leva à derrubada das árvores típicas do semi-árido para dar espaço aos pastos.

Além disso, no interior paraibano, a agropecuária leva à derrubada das árvores típicas do semi-árido para dar espaço aos pastos. Em relação a este problema, a Sudema informou que vem desenvolvendo políticas de preservação, como os manejos sustentáveis: Planos de Manejo Florestal Sustentáveis (PMFS); Planos de Manejo Agroflorestais Sustentáveis (PMAFS); Planos de Manejo Silvopastoris Sustentáveis (PMSPS) e Planos de Manejo Integrados Agrosilvopastoris (PMIASPS).

“Através destas técnicas, é possível associar a agropecuária e a manutenção da vegetação nativa”, defende o órgão através de nota. A Sudema cita ainda o Código Florestal 12.651/2012 e a Lei Estadual 9.857/2012, que dispõe sobre a utilização e proteção da vegetação da Caatinga. Inclusive, a Lei Federal nº 11.428/2006, faz determinações acerca da utilização e proteção da vegetação nativa da Mata Atlântica.

A cidade de João Pessoa possui uma cobertura vegetal de 30,67% no território do município. Essa porcentagem, conforme o engenheiro florestal e diretor de Pesquisas Ambientais (DIEP) da Secretaria de Meio Ambiente (Semam-JP), Yuri Araújo, é considerada satisfatória para a qualidade de vida da população de uma Capital, o que dá uma média de 47,11 m² de área verde por habitante.

De acordo com o órgão da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), uma das ruas com maior índice de cobertura vegetal e, portanto, a mais arborizada da cidade é a Rua Bancário Sergio Guerra, conhecida como Três Ruas, nos Bancários. O bairro com menor índice é Manaíra, devido as suas calçadas reduzidas, onde não há espaço para o plantio.

Os espaços com maior pressão urbana e ocorrência de desmatamento segundo a Semam-JP, são os bairros Valentina Figueiredo, Altiplano Cabo Branco e Jacarapé. Inclusive, no Jardim Cidade Universitária, por exemplo, a especulação imobiliária afeta as florestas da região já que diversos condomínios vêm sendo construídos ao longo dos anos.

O diretor da Diep/Semam acrescentou ainda que as espécies mais comuns da flora pessoense são os ipês amarelos e roxos, cássia rosa, saboneteira, sibipiruna, munguba, jacarandá, mogno, entre outras. Ao todo, a capital paraibana conta com 2.120,61 ha de áreas verdes consideradas prioritárias, divididas em dez ambientes: Mata do Buraquinho; áreas verdes de Mangabeira e Jacarapé; Sítio da Graça; Desembocadura do Cuiá; Horto Florestal e Rio Cabelo; Sítio Betel e Timbó; Baixo Curso do Rio Gramame; Médio Curso do Rio Gramame; Margem do Rio Mumbaba e a confluência dos Rios Cuiá e Laranjeiras.

Os maiores espaços são ocupados pela Mata do Buraquinho, entre a Avenida Pedro II e margens da BR-230, com 515,14ha e pelas áreas verdes de Mangabeira e Jacarapé, nestes dois bairros (465,8ha). O menor é formado pela margem do Rio Mumbaba (11,36 há).

O engenheiro florestal afirma que além da fiscalização diante do avanço imobiliário, o maior desafio para manutenção do espaço verde pessoense é a proteção legal e preservação dos remanescentes da Mata Atlântica, principal bioma no território de João Pessoa. “Um outro aspecto que precisa ser levado em consideração é a recomposição da vegetação nativa, como uma das formas de contribuir para a preservação das várias espécies importantes para o bioma Mata Atlântica no município”, explicou.

Os ipês amarelos já fazem parte do cenário primaveril que dá cor, todos os anos, ao Parque Sólón de Lucena, em João Pessoa

Comemoração diferente

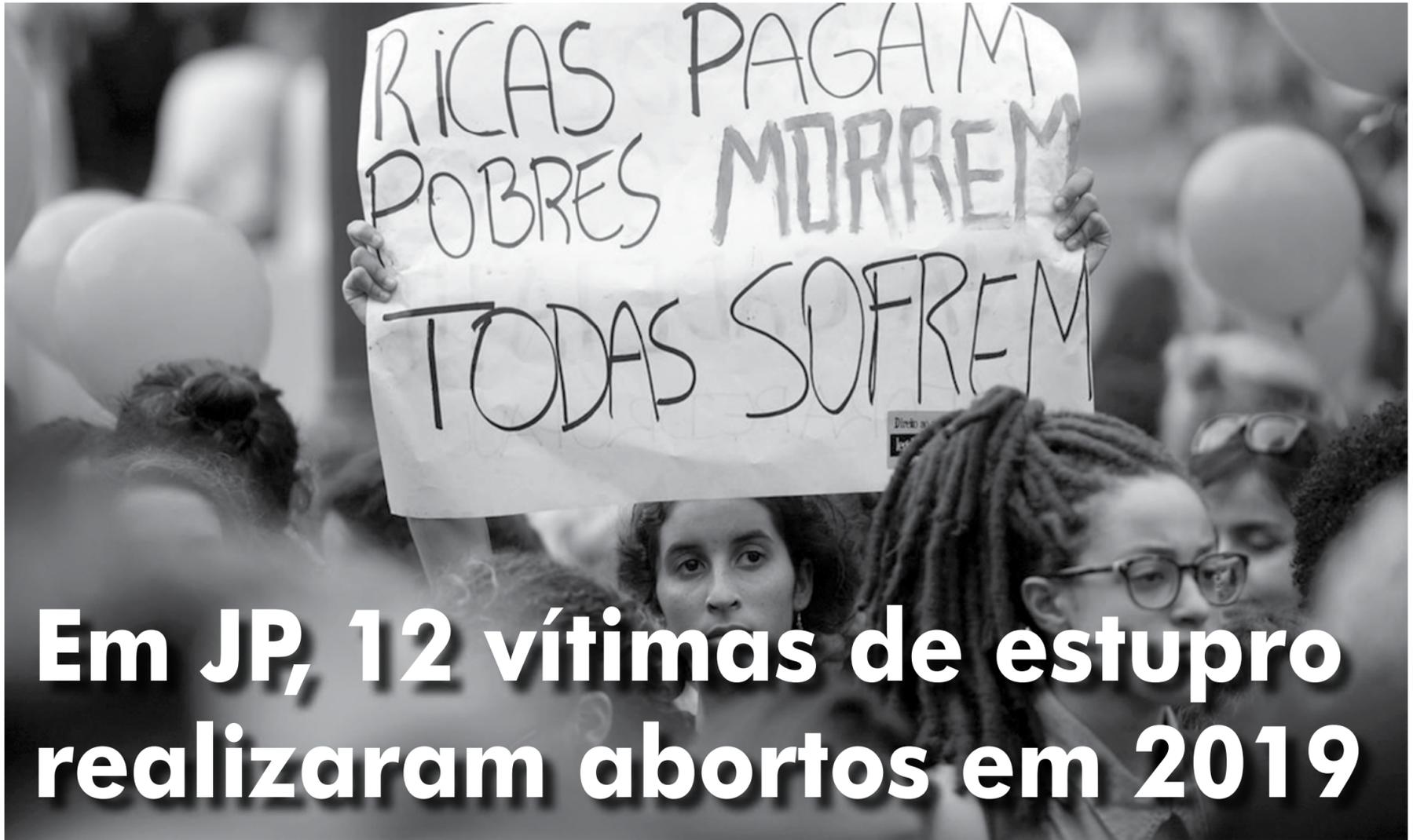
Diferente dos anos anteriores, as comemorações para o Dia da Árvore, celebrado no dia 21 de setembro, serão mais restritas em 2020, devido à pandemia causada pelo novo coronavírus.

A Secretaria de Meio Ambiente da capital informou que segue em regime de trabalho diferenciado, por causa das restrições e normas de saúde pública. Por isso, não está promovendo eventos que possam provocar aglomerações. Todavia, a programação para este ano será divulgada em breve. Após a pandemia, os técnicos da Semam preveem o plantio e a distribuição de mais

15 mil mudas.

De acordo com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural da Paraíba (Senar-PB), neste ano não terá a distribuição de mudas de plantas em comemoração à data. Ela fazia parte da programação da Feira de Agronegócios do Estado, no Parque de Exposições, pois geralmente o Dia da Árvore coincidia com a semana da mostra. Já a Sudema informou que o Jardim Botânico Benjamim Maranhão desenvolve as comemorações da data seguindo o calendário nordestino, que é em abril, devido à floração que ocorre entre março e o mês seguinte.





Em JP, 12 vítimas de estupro realizaram abortos em 2019

Instituto Cândida Vargas acolhe mulheres vítimas de violência dentro do que estabelece a Constituição Federal

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Uma criança abusada, uma gestação inconcebível, uma solução que provoca discussões, discordâncias e nenhum consenso. A situação do aborto no Brasil é um tema recorrente e que sempre provoca embates controversos. O caso de uma criança de dez anos, violentada pelo tio e que foi submetida à interrupção da gravidez, causou polêmica no país, mesmo com todo o amparo da lei. Mais recentemente, uma portaria do Ministério da Saúde que obriga os hospitais a notificarem a polícia sobre realização de abortos dentro da lei também reacendeu o debate.

Na capital paraibana, vinte mulheres em situação de violência, entre elas, uma menina, tiveram a gestação interrompida em procedimentos cirúrgicos no Instituto Cândida Vargas, no período de janeiro de 2019 a junho de 2020. Só no ano passado, foram 12 abortos realizados em decorrência de estupro. Nos primeiros seis meses deste ano de 2020, foram oito procedimentos.

De acordo com a diretora geral da unidade, Teresinha de Lisieux Pires de Andrade, em 2019 foram atendidas 152 mulheres em situação de violência.

“São casos de interrupção legal da gravidez, conforme preconizam as normas técnicas do Ministério da Saúde. Às que procuram o serviço, administramos 72h - relação para que não engravidem. Muitas vezes, a violência é intrafamiliar e motivamos as mulheres a procurarem assistência para evitar uma gravidez indesejada”, explicou.

Para as vítimas de violência, há a Maternidade Frei Damiano e o Instituto Cândida Vargas. A orientação é que procurem imediatamente o serviço de referência em caso de violência sexual para serem tomadas as providências, evitando uma gravidez ou doenças sexualmente transmissíveis.



Lacet: debate longe de ser consensual

O juiz Adhailton Lacet, coordenador estadual da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), explicou que o aborto está previsto no artigo 128, incisos 1 e 2 do Código Penal Brasileiro e enfatizou que só é permitido nessas situações.

“O debate é antigo, muito acirrado, vem desde movimentos pró-vida, com as feministas e também pessoas que são favoráveis à legalização do aborto, fora os casos que já são previstos em lei. É um debate que está longe de ser consensual. Nós ainda vamos ter muito chão pela frente”, considerou.

Porém, se houver a suspeita de uma situação de abuso dentro de casa, o juiz repassou algumas orientações. “A família,

assim que descobrir que tem uma filha, menor de idade, que foi estuprada e que, conseqüentemente, engravidou, tem que recorrer à Justiça através da Defensoria Pública, do Ministério Público ou de um advogado para solicitar o aborto, se assim o desejar. Essa decisão compete à família”, esclareceu.

Caso um médico constate que há risco de morte, pode informar à Justiça e o aborto é autorizado. “A orientação às meninas que passam por essa situação é sempre buscar apoio psíquico e orientação junto à Vara da Infância ou clínicas especializadas para resolver a questão emocional, porque isso deixa sequelas para a vida inteira”, observou Lacet.



Foto: Marcos Russo

Para o juiz Adhailton Lacet, a discussão ainda é bem acirrada

Legislação criminaliza só mulheres

Os movimentos feministas têm uma opinião contrária à da Igreja em relação ao aborto. Com argumentos distintos, cada segmento defende seu ponto de vista. Para Joana D'Arc da Silva, membro da Cunha Coletivo Feminista e da Articulação de Mulheres Brasileiras, o movimento sempre atua em defesa da vida.

“A legislação que a gente tem criminaliza só a mulher. Em caso de interdição desse feto, só a mulher é penalizada. Nós, do movimento de mulheres, denunciamos essa lei que a gente tem, porque é profundamente machista. A nossa defesa também é pela decisão da mulher. Não defendemos o aborto em si, mas pela autonomia da mulher, o

que ela tem condições, o que ela pode fazer, como ela vê a condição de gerar”, observou. Segundo ela, mesmo nos casos em que o aborto é autorizado, essas mulheres sofrem violência e constrangimento das instituições de saúde.

“Essa questão do aborto, às vezes, é muito mal colocada, principalmente pela argumentação dos fundamentalistas, como se as mulheres fossem perversas, não tivessem responsabilidade, e o aborto fosse um método anticoncepcional”, constatou.

Essa situação, segundo ela, leva as mulheres recorrerem a médicos clandestinos. “Segundo pesquisas nacionais de aborto, 48% das mulheres que interromperam a



Foto: Arquivo Pessoal

Joana D'Arc, do Cunha, afirma que a estrutura social é machista

gestação de forma clandestina precisaram de internação, o que vai dar mais gastos para o Estado. Sem contar que muitas morrem”, afirmou.

Rede de proteção ainda é fragilizada



Foto: Arquivo Pessoal

Josiana Francisca diz que existem muitas situações envolvendo crianças

“A nossa rede de proteção é muito fragilizada. Existem protocolos de notificação na saúde e educação, mas alguns profissionais não notificam. A mídia deu ênfase à situação desta menina de 10 anos, mas existem situações bem próximas e podem estar ocorrendo com alguma criança na família, com a vizinhança e outros”, observou Josiana Francisca da Silva, presidente do Conselho Estadual de Defesa dos

SINTEM
Filiado à CUT/CNTE

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO
Av. Tabajaras - 799 - Fone 3222 6123 - Centro - João Pessoa - PB
www.sintemp.org.br

EDITAL DE ELEIÇÃO

A Comissão Eleitoral do SINTEM, eleita democraticamente em Assembleia Geral realizada no dia dezessete de setembro de dois mil e vinte (17/09/2020), no uso das atribuições que lhe confere o Estatuto do SINTEM, torna público que no dia vinte e um de outubro de dois mil e vinte (21/10/2020), realizar-se-ão as Eleições do SINTEM para o quadriênio 2020/2024, com 30 (trinta) urnas fixas nos locais de votação abaixo relacionados, com início às oito (08:00) horas e término às vinte (20:00) horas. As chapas interessadas em fazerem suas inscrições deverão comparecer a partir do dia vinte e um de setembro de dois mil e vinte, a dois de outubro de dois mil e vinte (21/09/2020 a 02/10/2020), em dias úteis no horário das oito às dezessete horas (08:00 às 17:00), na sede do SINTEM sito à Avenida dos Tabajaras, 799, Centro, João Pessoa, PB. Para a inscrição de chapas será necessário que os candidatos estejam em consonância com o capítulo III, Art. 4º, § 1º alínea a, b, c, incisos I, II e VI do Estatuto do SINTEM e apresente os seguintes documentos comprobatórios:

- 1- Requerimento de inscrição fornecido pela Comissão Eleitoral;
- 2- Xerox da Carteira de Identidade dos candidatos;
- 3- Xerox do contracheque do mês de agosto de 2020;
- 4- Documento comprobatório de sindicalizado adimplente há pelo menos 03 (três) anos sem interrupções até a data da publicação deste Edital, emitido pela tesouraria do sindicato;
- 5- Assinar declaração fornecida pela Comissão Eleitoral se comprometer se eleito for e caso venha exercer o cargo na diretoria, no ato da posse solicitar exoneração do cargo comissionado na PMJP;
- 6- Carta programa.

Locais de Votação: 2 (duas) urnas na Sede do sindicato (Centro), 1(uma) urna no CECAPRO (Centro de Capacitação dos Professores, Tambauzinho), 1 (uma) urna na SEDEC (Secretaria de Educação e Cultura- Água Fria), 26 (vinte e seis) urnas distribuídas nas seguintes Unidades de Ensino: Anita Trigueiro do Vale (Altiplano), João Gadelha (Mangabeira VII), Arnaldo de Barros (Bairro dos Novais), Oscar de Castro (Cruz das Armas), Senador Ruy Carneiro (Mandacaru), Afonso Pereira (Mangabeira VIII), Ana Cristina Rolim (Água Fria), David Trindade (Mangabeira), Francisco Edward (Jaguaribe), Analice Caldas (Jaguaribe), Santa Angela (Rangel), Leônidas Santiago (Rangel), Ubirajara Targino Botto (Cristo), Ana Nery (Alto do Mateus), Dom Helder Câmara (Valentina), Dom Marcelo Pinto (Valentina), Carlos Neves da Franca (José Américo), João Monteiro (Vieira Diniz), Duque de Caxias (Costa e Silva), Anayde Beiriz (B. das Industrias Cid. Verde), Nominando Diniz (Funcionários II), Anísio Teixeira (Esplanada I), Antenor Navarro (Gramame), Zulmira de Novais (Cruz das Armas), José Eugênio (Geisel), Edme Tavares (B. Industrias).

A urna que funcionará na SEDEC terá início às 08:00h (oito horas), e será lacrada às 17:00h (dezessete horas), tendo em vista o término do expediente deste órgão.

No ato da inscrição as chapas devidamente inscritas receberão o Regimento pertinente ao Processo Eleitoral. A Diretoria do SINTEM será composta por 26 (vinte e seis) membros (sendo 16 titulares e 10 suplentes), cuja inscrição para concorrer às eleições deverá ser feita por chapa completa conforme o Art. 38 do Estatuto do SINTEM. O número da chapa corresponderá a ordem de inscrição junto à Comissão Eleitoral.

João Pessoa, 18 de setembro de 2020.

Luiz Carlos Fernandes
Presidente da Comissão Eleitoral
OBS: Publicar nos dias 19 e 20 de setembro 2020.

PESTANA LEILÕES

EDITAL DE LEILÃO ON-LINE - IMÓVEIS EM JOÃO PESSOA/PB E BAYEUX/PB
Acesse o site: leiloes.com.br e participe!

bradesco

Lillamar Pestana Gomes, Lelloira Oficial, JUCISRS 168/00, faz saber, através do presente Edital, que devidamente autorizada pelo Banco Bradesco S/A., inscrito no CNPJ sob nº 60.746.948/0001-12, promoverá, na forma da Lei 9.514/97, nas datas de 08/10/2020 (1º leilão) e 13/10/2020 (2º leilão), ambas às 9h30, o leilão do(s) seguinte(s) lote(s): **Lote 13 - João Pessoa/PB**, Bairro Tambau, Av. Presidente Epitácio Pessoa, 4747. Ed. Residencial Paradiso. Ap. 701 (ap. tipo II) c/ 2 vagas de garagem. Área priv. de 121,43m² e fração ideal de 3,284%. Matr. 55.450 do 2º RI local. Obs.: Possíveis débitos de CONDOMÍNIO por conta do comprador. Ocupado. (AF) Lance mínimo: 1º Leilão R\$ 1.329.521,96. 2º Leilão R\$ 379.325,20. **Lote 18 - Bayeux/PB**, Bairro Aeroporto. Rua Projetada, 375. Cond. Resid. Matheus Montenegro. Casa 02. Áreas totais: constr. 72,00m² e terr. 99,75m². Matr. 9.961 do RI local. Obs.: Ocupada. (AF) Lance mínimo: 1º Leilão R\$ 118.000,00. 2º Leilão R\$ 98.665,65. COND. DE PGTO.: à vista, mais comissão de 5% à Lelloira. DA PARTICIPAÇÃO ON-LINE: mediante cadastro prévio no site da Lelloira. OBS.: O Fidejante possui direito de preferência de compra, nos termos da lei.

51 99537.5119 • Condições de Pagamento e Venda nos sites: banco.bradesco/leiloes e leiloes.com.br • imoveis@pestanaleiloes.com.br



Foto: Pixabay

Partindo do princípio cristão, o feto é o começo da vida por isso não pode ser interrompida

Igrejas se mantêm firmes em favor da vida acima de tudo

Para representantes das Igreja Católica, Batista e Espírita, a vida é sagrada, portanto direito fundamental

Lucilene Meireles
lucileneirelesjp@gmail.com

Teria uma outra saída que não fosse a morte? Essa pergunta fica no nosso coração. Somos a favor da vida sempre." A declaração é do arcebispo da Paraíba, Dom Manoel Delson que, seguindo os preceitos da Igreja Católica, se posicionou em defesa da vida. Em pronunciamento oficial, ele coloca a vida como direito fundamental a qualquer ser humano, independente da situação. Para o religioso, outras alternativas deveriam ser consideradas.

"Venho a público dizer da posição da Igreja Católica sobre o triste caso da menina de dez anos cujo aborto foi realizado em Recife. Não é um caso simples, pois envolve uma criança que gerou outra criança. Aqui está em jogo o sofrimento de uma criança de dez anos, dos seus pais e a vida gerada, inocente, sem culpa nenhuma", lamentou. Ele afirmou que sociedade, leis, instituições, precisam encontrar meios que preservassem sempre a vida.

Seguindo o que prega a Igreja Católica, a defesa da vida é incontestável. "Não podemos concordar com a morte, mesmo numa situação limite como esta. Rezamos e pedimos a Deus que tenha misericórdia de todos os envolvidos nesta tragédia que se soma a tantas outras, como mais de 108 mil mortes pelo novo coronavírus. Que Deus nos mostre o caminho para proteção da vida sempre", acrescentou.

Foto: Divulgação



Para o arcebispo Dom Delson, a defesa da vida é incontestável

+ Para Federação Espírita, feto é vida pulsante

Assim como na Igreja Católica, os espíritas colocam a vida em primeiro plano. "Posicionamo-nos conforme orientação do Espiritismo, exaltando sempre a luta a favor da vida de cada ser humano, de modo a evitar o aborto, o suicídio, violência, eutanásia e celebrando a paz e o bem", afirmou o presidente da Federação Espírita da Paraíba, Marco Lima.

Para ele, no que se refere à luta pelo direito aborto, em qualquer fase da gestação, não prevista na Constituição, é uma extrapolação do direito. "Entendemos que o feto é vida pulsante desde a concepção, tem DNA próprio. No espiritismo, sabemos da complexidade que um processo de abortamento traz a saúde da mulher, tanto físico, quanto psicológico e acima



Foto: Evandro Pereira

Marco Lima, presidente da Federação Espírita: aborto fora da lei é extrapolação do direito

de tudo espiritual, pois se trata de uma reencarnação que foi negada a um espírito necessitado de evolução e de compartilhar os laços de família, portanto, o aborto é contrário a lei divina".

O aborto, na visão espírita, é um direito quando a gravidez coloca em risco a vida da mãe. Na questão 359, da obra básica da doutrina espírita, O Livro dos Espíritos está a seguinte

resposta: 'Preferível é que se sacrifique o ser que ainda não existe a sacrificar-se o que já existe'. Em relação ao estupro, segundo Marco Lima, importa análise específica de cada caso, e deverá observar todas as possibilidades viáveis para o não abortamento.

"Nós somos a favor da vida. Defendemos desde a concepção. Ao aborto dizemos não. Respeitamos a Constituição Brasileira, e as leis divinas, nas regulamentações específicas sobre o tema. Acolhemos os corações que, por variados motivos, cometeram o aborto, e que perceberam o equívoco. Reafirmamos a mensagem de Pedro, 1. 4-8, 'Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados'".

Vertentes cristãs são contrárias ao aborto

"Por princípio teológico e ético as igrejas cristãs, entre elas a vertente protestante-evangélica, se posiciona sempre em favor da vida e contra a prática do aborto, especialmente depois que se tornou o vilão de uma lucrativa indústria da morte e um estímulo ao sexo sem compromisso". A afirmação é do pastor da 1ª Igreja Batista de João Pessoa, Estevam Fernandes.

Ele afirmou que o pensamento evangélico é sempre a favor da vida, e nos casos em que haja a prática de estupro, especialmente com meninas na pré-adolescência, quando envolve a tensão em relação à interrupção da gravidez. "Sempre se respeitará a decisão da vítima com seus pais, ainda mais quando a sua vida está em jogo e levando em conta os possíveis danos à sua psiquê". Nos casos de deformação congênita do feto, como a anencefalia, e em outras recomendações médicas em prol da sobrevivência da mãe, o pastor afirmou que a igreja estará ao lado da ciência.

Para ele, numa sociedade plu-

ralista e secularizada, todos os movimentos são legítimos, como o Feminista. Porém, discorda do ponto de vista teológico/cristão de muitas de suas bandeiras. "As igrejas Batistas sempre lutarão pela vida, pelo sexo responsável e contra toda prática abortiva que inspire o desrespeito ao feto, o direito à vida e o aborto como prática banal e irresponsável. Por fim, cremos e ensinamos à luz da nossa fé que não somos o - mente a vida é

sagrada, mas também é igualmente sagrado o direito à vida, desde a concepção".



Pastor Estevam é enfático: as igrejas Batistas sempre lutarão pela vida e contra a prática abortiva

NOTA DE REPÚDIO

■ No dia 1º de setembro, foi lançada uma nota de repúdio à portaria do Ministério da Saúde que impõe entraves à realização do aborto previsto em lei em caso de estupro. A Portaria 2282, de 27 de agosto de 2020, "dispõe sobre o Procedimento de Justificação e Autorização da Interrupção da Gravidez nos casos previstos em lei, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS)". O documento de repúdio é assinado por 331 entidades e 16 apoiadores institucionais de todo o país. "É inaceitável que o Governo Federal faça uso de um instrumento infralegal para constringer mulheres e meninas vítimas do crime de estupro e para obstaculizar um direito legalmente previsto no Brasil desde 1940. Seu resultado será dificultar o funcionamento e abertura de serviços de aborto legal após estupro", diz um trecho da nota.



Fotos: Ronildo Sousa

Natureza e aventura: um convite para conhecer Catolé

Turismo ecológico ganha força no município, com trilhas que desvendam toda a exuberância da paisagem sertaneja

Nara Valusca
naravalusca@gmail.com

Do alto do Monte Tabor, vê-se a cidade se espalhando até onde o sol se põe, no horizonte. O verde é predominante. A cadeia de serras – grandes e pequenas – circunda e faz uma espécie de babado perfeito ao redor da cidade dentro da variedade de formatos, tamanhos e recortes que apresentam. Lembra uma espécie de vale.

Essa é a visão que se tem de Catolé do Rocha de cima do monte mais visitado da cidade, onde fica uma capelinha construída em 1910, que atrai visitantes o ano inteiro.

Na visão do alto, distinguem-se a Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios, no centro da cidade, fundada em 1875; e o Colégio Normal Francisca Mendes, educandário religioso da Ordem Franciscana, instalado há mais de 80 anos; as duas maiores construções da cidade.

Mas, quem visita Catolé pode ainda conhecer o Centro Cultural Geraldo Vandré; o Instituto Cultural Casa do Béradêro, fundado pelo cantor Chico César; o campus da Universidade Estadual da Paraíba, localizado na área

rural onde está a tradicional Escola Agrotécnica do Cajueiro; além de praças convidativas, seja pela sombra de árvores centenárias, seja pelos jardins de flores coloridas.

O carnaval é sua maior festa, atraindo pessoas de várias cidades e de estados vizinhos. É nesse período do ano que os filhos da terra que moram em outros lugares retornam e se reencontram, numa grande confraternização. A cidade se acende, ganha ares de alegria e as dezenas de blocos carnavalescos desfilam pelas ruas a qualquer hora do dia ou da noite. A movimentação é intensa durante toda a semana.

Natureza

Cercada por montes e serras e com uma extensa zona rural, Catolé vem descobrindo, nos últimos anos, uma nova vocação: o turismo ecológico. Pessoas da cidade e visitantes vêm cada vez mais embrenhando-se pelas trilhas cheias de beleza surpreendente.

O condutor Ronildo de Sousa conta que as trilhas têm despertado o interesse de aventureiros e pessoas adeptas ao turismo de contemplação. Durante o per-

curso, além do contato com a fauna e a flora da região, o trilheiro recebe informações sobre o local, sobre construções antigas encontradas pelo caminho e ainda se engaja numa conversa salutar sobre preservação da natureza.

Segundo ele, quem se aventura pelos caminhos das serras vai ver, ao longo do percurso, uma grande variedade de pássaros, saguis e outros animais silvestres; árvores e arbustos típicos da região; mas, especialmente, formações rochosas espetaculares, grutas e cavernas,

que fascinam pelos formatos e pela altura.

Hoje, o condutor oferece três percursos diferentes, com níveis variados de dificuldade e tempo mais curto ou mais longo de caminhada, a depender do gosto e do fôlego do trilheiro.

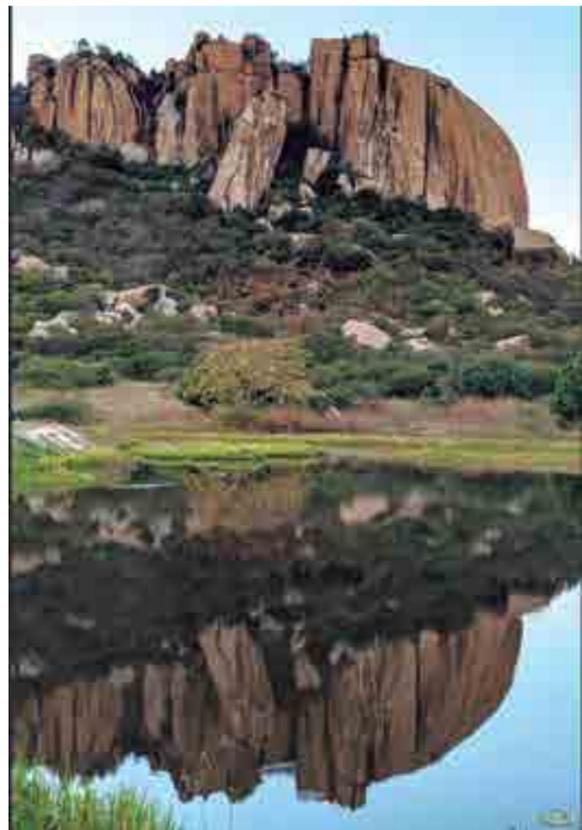
As trilhas ganharam os nomes das serras para onde Ronildo guia os aventureiros: Serra da Furna dos Ossos, Serra do Boqueirão e Serra do Capim Açú. Em cada caminho, a certeza de que a beleza recompensará o cansaço.

SERVIÇO

■ Pessoas interessadas em fazer as trilhas podem entrar em contato com o condutor Ronildo Sousa pelas redes sociais Facebook e Instagram (@ronildotcharles) ou pelo whats app 9965-4815.

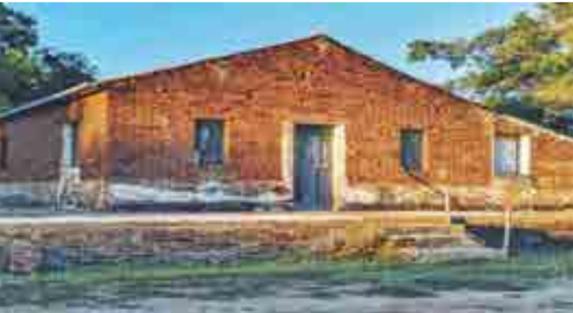
FIQUE POR DENTRO

■ Localizada a 400 quilômetros de João Pessoa, no Sertão paraibano, Catolé do Rocha foi fundada em 26 de maio de 1835 e emancipada um século depois, em 21 de janeiro de 1935. Sua população é hoje de aproximadamente 30 mil habitantes. Tem no comércio varejista sua principal atividade econômica, geradora de empregos, mas também viu crescer nas últimas décadas os setores da fabricação de alumínio e da área têxtil.



Trilhas revelam formações rochosas e paisagens exuberantes pelo caminho

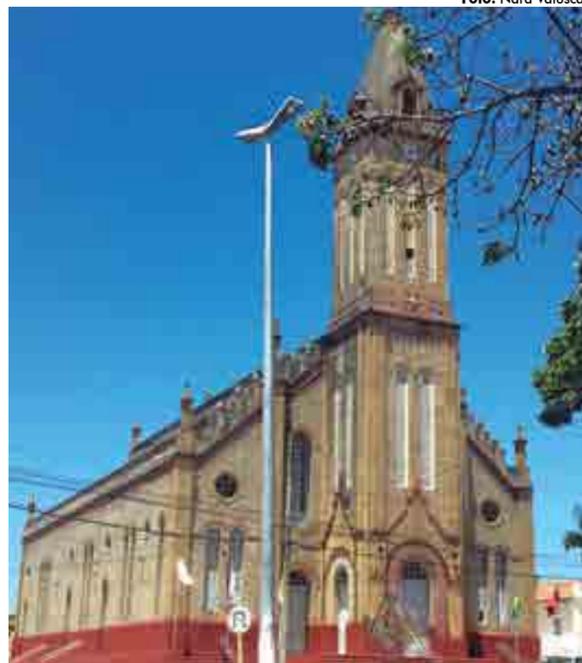
Foto: Nara Valusca



Casariões antigos, já abandonados, e comunidades com poucos habitantes fazem dos passeios pela zona rural do município um momento de contemplação



Aos apaixonados por aventuras, o local permite escalar morros e serras, que ainda guardam pequenos mananciais de água, onde os trilheiros se refazem do calor



A Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, no Centro, foi construída em 1875

Foto: Nara Valusca



O colégio fundado por freiras alemãs é referência na educação em Catolé



Foto: Acorn/Botafogo

Colóquio Lucila Nogueira faz homenagem a poetisas da PB

Começa amanhã a 3ª edição do evento, que será virtual e discutirá a poesia da geração 1965 até a atualidade

Foto: Ortilo Antonio



Foto: Evandro Pereira



Foto: Divulgação

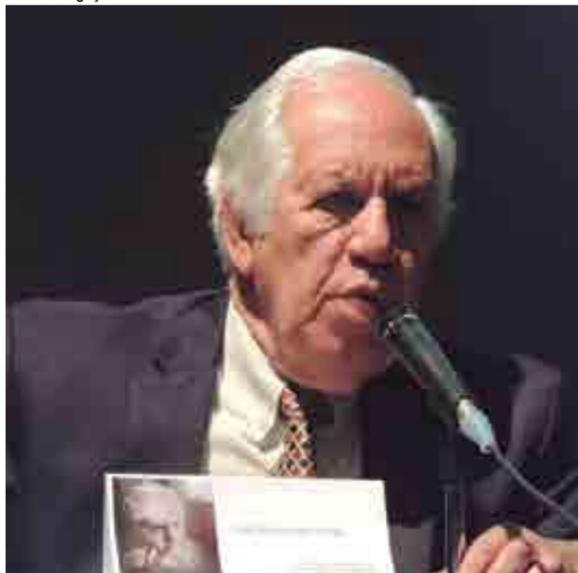
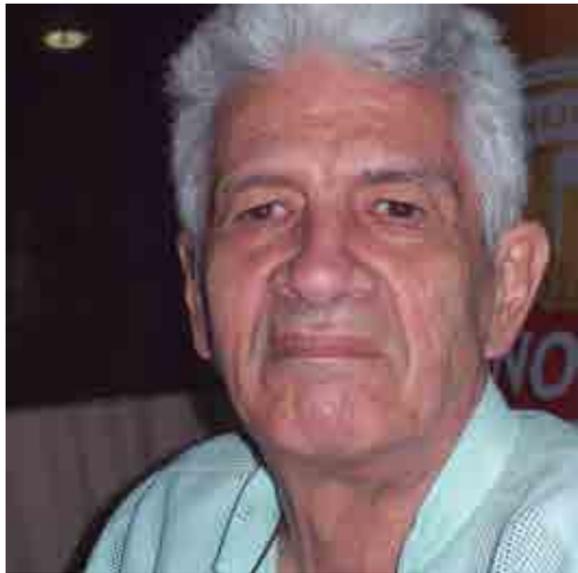


Foto: Cristiane Maria da Hora/Divulgação



De cima para baixo: os homenageados desta edição são Linaldo Guedes (PB), Sérgio de Castro Pinto (PB), José Rodrigues de Paiva (PE) e Ângelo Monteiro (PE)

Guilherme Cabral
guipb_jornalista@hotmail.com

“A Poesia da Paraíba e de Pernambuco” é o tema geral da 3ª edição do Colóquio Lucila Nogueira, evento da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que começa amanhã, a partir das 9h, e vai até a próxima quarta-feira, totalmente de forma virtual pela plataforma Google Meet, cujo link deverá ser disponibilizado hoje para quem for participar. A edição homenageará quatro poetisas: os paraibanos Sérgio de Castro Pinto e Linaldo Guedes, o pernambucano Ângelo Monteiro e o português – radicado em Pernambuco – José Rodrigues de Paiva. Será discutido a poesia da geração 1965 nos dois estados até os dias atuais.

“Ser homenageado em vida é muito bom”, confessou Sérgio de Castro Pinto, que garantiu ter dado “carta branca” a Expedito Ferraz para falar sobre seu trabalho no evento. “É um crítico e poeta da melhor cepa e com larga experiência em lidar com a palavra, identificado com a minha poesia e que deverá falar sobre o meu fazer construtor poético”.

O paraibano contou que tem ensaios sobre Ângelo Monteiro e José Rodrigues de Paiva em seu livro mais recente, *O Leitor Que Escreve*. “A Geração de 1965 foi revelando nomes da melhor qualidade da lírica pernambucana e, depois, com alcance nacional”.

Linaldo Guedes também confessou sua satisfação em ser homenageado. “A minha relação com Pernambuco é antiga, desde quando, ainda criança, eu ia acompanhando meu pai para fazer compras

em Recife. Depois, quando já morava em João Pessoa, em eventos literários e pela amizade com poetas e escritores pernambucanos, a exemplo de Jomard Muniz de Britto, que foi meu professor na UFPB. Nos anos 2000, organizei, em João Pessoa, um encontro com escritores do Nordeste, realizado no auditório da Associação Paraibana de Imprensa (API), quando conheci a professora Lucila Nogueira, que dá nome ao Colóquio. A ideia, na época, era estreitar os laços entre os estados, mas, infelizmente, a coisa não andou”, lembrou.

Linaldo fala que quem prefaciou o seu segundo livro, *Intervalo lírico*, foi o pernambucano Delmo Montenegro. “A minha poesia também é influenciada por autores de lá, como João Cabral de Melo Neto e Manuel Bandeira. Além do mais, é ótimo estar sendo homenageado junto com Sérgio de Castro Pinto, que é a nossa maior referência”.

Foi enfatizado ainda por Guedes que Paraíba e Pernambuco são grandes polos literários no Nordeste, inclusive historicamente, como os escritores conterrâneos José Lins do Rego (1901-1957), José Américo de Almeida (1887-1980) e Ariano Suassuna (1927-2014).

O escritor e historiador Bruno Gaudêncio foi incumbido de falar sobre a poesia de Linaldo Guedes no evento. “Não é muito comum,

apesar da aproximação geográfica, a homenagem a autores paraibanos no Estado de Pernambuco. No passado era muito comum, pois tinha paraibanos ilustres que moravam lá, como é o caso de Ariano Suassuna, de José Lins do Rego, há algum tempo atrás, e Edilberto Coutinho (1933-1995). Sérgio de Castro Pinto é quase um monumento, uma entidade da literatura nordestina e brasileira”, observou.

Referindo-se a Linaldo Guedes, Gaudêncio ressaltou ser um dos nomes mais importantes da literatura paraibana. “Não só como poeta

e intelectual, mas também como mediador cultural, jornalista, crítico e como editor, seja de jornal, revista e como editor da Arribação, em Cajazeiras. Então, o meu propósito será falar um pouco sobre a sua trajetória e a sua poesia, situando-o dentro do contexto da produção poética paraibana nesses últimos 20 anos”, explicou.

A propósito, os dois poetas paraibanos serão tema de uma mesa que será realizada no último dia do Colóquio, na quarta-feira, a partir das 15h. Na ocasião, estarão participando da atividade Bruno Gaudêncio e Expedito Ferraz.

Pontes

O Colóquio Lucila Nogueira deveria ter sido realizado, de forma presencial, no mês de maio, mas a pandemia

levou à suspensão. As duas primeiras edições do evento ocorreram em 2017 e 2018, respectivamente.

O evento em si é uma homenagem póstuma à poeta e ex-professora da UFPE, Lucila Nogueira, que morreu em 2016 e era grande incentivadora de empreendimentos nesse âmbito de estímulo a autores novos e contemporâneos, além de ser uma continuadora do Colóquio Cecília Meireles, empreendido pelo saudoso professor da própria instituição, Esman Lins.

“É uma ponte entre a academia e a produção artístico-literária de Pernambuco e que, agora, desta vez, inclui a Paraíba”, ressaltou o coordenador do evento, o professor da UFPE, Alexandre Maia. “O Colóquio promove a crítica literária nessa cena, mas ainda dá lugar para que estudantes de Letras do Brasil e de Portugal, pois ficou facilitado com a transmissão remota, possam apresentar seus trabalhos”.

A ideia de incluir a homenagem aos dois escritores paraibanos foi de um dos organizadores do evento, o jornalista e escritor André Cervinskis, que tem uma relação mais estreita com os autores daqui. “Eu os conheço e sei da importância dos dois como representantes da produção poética da Paraíba, que tem relação muito forte de congraçamento com Pernambuco”.

Na programação de abertura, uma autora paraibana ganhará um painel: “Palavra de Mulher na Paraíba” fará considerações sobre a lírica de Vitória Lima, que também é colunista de *A União*. O estudo será apresentado por Josivânia da Cruz Vilela e Marcelo Medeiros da Silva, ambos acadêmicos da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Poetisa Vitória Lima ganhará um painel na abertura: “Palavra de Mulher na Paraíba”, com exposição de acadêmicos da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

CONFIRA A PROGRAMAÇÃO DO 1º DIA (21/9)

- **9h:** Mesa de abertura: Carol Leandro (Propeq-UFPE), Oussama Naouar (Proexc) e Juan Pablo Martín (Chefe Dep. Letras). Mediador: Alexandre Maia (coordenador do evento);
- **9h30:** 2ª mesa: “A poesia de José Rodrigues Paiva e Ângelo Monteiro” (homenageados), com Maria Aparecida Ribeiro e Bernardo Souto;
- **10h30:** 3ª mesa: “Panorama da poesia em Pernambuco: autores contemporâneos”, com Lourival Holanda e Fábio Andrade;
- **11h30:** Recital poético, com a presença de declamadores convidados especialmente para o evento;
- **13h:** Comunicações (1ª sessão):
 - “Os Não Lugares de Lucila Nogueira: Mil Palavras que Valem Mil Imagens”, com Verônica Daniel Kobs (FAE/Unidrade);
 - “Do ‘Ter’ ao ‘Ser’: A Idealização do Corpo Perfeito em Sapphire”, com Gillayne Ferreira dos Santos (UEPB);
 - “A Rooms Of One’s e o Segundo Sexo: Feminismos Possíveis”, com Maria Aparecida Oliveira (UFPB);
 - “Questões de Masculinidade em ‘I’m Afrad Of Men’”, com Larissa Bruna Batista de Farias (UEPB);
 - “A Presença das Mulheres na Literatura de Cordel”, com Sabrinne Cordeiro Barbosa da Silva (Universidade Autônoma de Lisboa);
 - “A Biopolítica dos Corpos Subalternos em Ana Paula Maia”, com Natália Lima Ribeiro (UFPA);
 - “O Arquétipo da Feiticeira na Literatura Clássica: Entre Circe e Medeia”, com Rayana Rezende Gomes Demétrio de Vasconcelos Barros (UFPE) e Raira Costa Maia de Vasconcelos (UFPE);
 - “O ‘Eu Enunciador’ representado por Solano Trindade como um divisor de águas no processo de conscientização de ser negro no Brasil”, com Frederico José Matias (UFPE);
 - “As Mulheres que Orbitam nas Obras de Clarice Lispector”, com Joabe Nunes dos Santos (UFPE);
 - “Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus: Um Estudo sobre Memória Cultural da Escrita Feminina e Negra do Século 19 e 20”, com Maria da Conceição de França (UNIP);
 - “Palavra de Mulher na Paraíba: considerações sobre a lírica de Vitória Lima”, com Josivânia da Cruz Vilela (UEPB) e Marcelo Medeiros da Silva (UEPB);
 - “Mito e Literatura Chicana: A Xicanisma de Ana Castillo”, com Danielly Cristina Pereira Vieira.
- **16h:** 4ª mesa: “A poesia de Paulo Gustavo e José Carlos Targino”, com Raisa Feitosa e Marco-polo Guimarães;
- **17h:** Lançamento do livro ‘Leitura em Pernambuco: ações de letramento literário em Recife’, de André Cervinskis;
- **17h30:** 5ª mesa: “Mapeamento das Bibliotecas Comunitárias de Pernambuco”, com Gabriel Santana, André Cervinskis e Lídia Lins. Mediação: Ester Rosa;
- **18h30:** Lançamento do livro ‘Mapeamento de Bibliotecas Comunitárias’ (Etapa IV - Funcultura/Fundarpe/Governo de Pernambuco), de André Cervinskis e Gabriel Santana;
- **19h:** “A poesia de França e Francisco Espinhara”, com Fernando Chile e Valmir Jordão;
- **20h:** Encerramento.



Através do QR Code acima, acesse o site oficial do colóquio

H. G. Wells e o conhecimento

De onde viemos? O que há após a morte? Qual a finalidade da vida? O que é o bem? O que é o belo? São essas nossas questões mais fundamentais – filosóficas por natureza – apesar de nem sempre estarem na ordem do dia. Elas não figuram no campo das necessidades primárias, como a alimentação e o sexo, apesar de estarem sempre à espreita. Nem são colocadas entre os problemas urgentes que precisamos resolver no dia a dia.

Um espírito mais realista e pragmático talvez dissesse: de que interessa essa tal “finalidade da vida”, em momentos que estamos ameaçados por juros exorbitantes dos bancos? Qual é a importância prática disso quando governos tiranos se aproveitam maquiavelmente do povo? E o trabalho – argumentaria em tom sarcástico – aquele vil Senhor de quem a maioria de nós é escrava? O que dizer das obrigações familiares, da educação e incertezas sobre o futuro dos filhos? De nossas paixões e amores? Da miséria, da violência, das desigualdades sociais e das guerras?

Durante a história da civilização a possibilidade de se dedicar a trabalhos intelectuais, em especial, ao estudo sistemático de questões metafísicas esteve limitada a um número consideravelmente restrito da espécie humana. Entre os antigos gregos, pais fundadores do pensamento ocidental, famosos por suas contribuições ao pensamento filosófico e ao raciocínio lógico-dedutivo, essas atividades eram exclusividade dos homens livres. As mulheres estavam excluídas do trabalho intelectual, assim como os es-



Britânico H. G. Wells (1866-1946), autor de obras como ‘A Máquina do Tempo’

cravos que eram os responsáveis pelo trabalho manual – condição que os situava, segundo a ideologia daquela sociedade, no mesmo nível dos animais.

H. G. Wells acreditava que essa atitude grega exerceu influência determinante no fato de que a ciência, em sua dimensão prática e técnica, pouco tenha avançado naquele período histórico. É extraordinário, diz ele, que espíritos tão argutos não tenham descoberto o microscópio e o telescópio. O agravante é que nessa época já dominava a técnica de fazer vidros e garrafas e frascos os rodeavam – o que leva a supor que, em algum momento, essas pessoas devem ter visto as coisas aumentarem ou se deformarem quando observadas através dessas lentes.

O orgulho aristocrático grego teria impedido assim que produzissem invenções técnico-científicas. Aprender com um artesão ou joalheiro era algo impensável e indigno. Durante o período grego, dizia H. G. Wells, os “filósofos não possuíam nenhuma habilidade mecânica” e “os artesãos qualquer habilidade filosófica”. Com a exceção feita a Arquimedes e Hiero, os gregos fizeram poucos avanços nessa área. Coube mais tarde a Galileu o impulso necessário para que ocorresse um salto no desenvolvimento científico. Galileu, se não foi o primeiro a usar o “método científico”, indutivo, certamente foi quem o instituiu como modelo. Entre outros feitos, também possui o mérito de “inventar” o telescópio, numa atitude livre dos velhos preconceitos aristocráticos gregos.

Estética e Existência | Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Colapso social e doenças neurais

As doenças neurais tornaram-se uma pandemia, algumas dessas doenças são: depressão, insônia, ansiedade, transtorno bipolar, esquizofrenia, dores de cabeça e musculares, dificuldade de concentração e outras – a neurastenia é considerada o início de várias doenças psíquicas. Essas doenças danificam a vida social e nos conduz à sociedade do cansaço. Nos dias atuais, a convivência social se tornou o ambiente do doping, porque quase todos estão medicados. As doenças neurais destruíram as identidades dos indivíduos e forçaram a homogeneização e o desaparecimento da singularidade, de tal forma que cada indivíduo tem algo de doentio do outro.

Na sociedade do cansaço, os indivíduos adoecidos se tornaram idênticos e isso permite – na humanização da dor – de reconstruírem o próprio pertencimento e sobrevivência social. Alguns ambientes familiares combatem as doenças neurais através do encorajamento e da dignidade, a fim de superar as limitações e de manter uma mínima eficiência e reconhecimento social. Nesse processo de acolhimento e de amor, o risco a negatividade ser substituída pela dialética da positividade. O tratamento da doença neural também deve ser feito por meio de terapias: analítico-comportamental; cognitivo-comportamental; psicoeducacional; psicanálise; hidroterapia e uso de antidepressivos. A reeducação alimentar deve ser adicionado à dieta alimentos ricos em fibras, cereais e hortaliças. No tratamento é necessário o descanso e exercícios aeróbicos.

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (1959) desenvolveu um novo conceito de violência através das teorias da psicanálise, da sociologia, da filosofia e psicologia social. Han afirma que os indivíduos são impulsionados pela única exigência de perseverar e não fracassar, bem como pela ambição de eficiência, e acabam por comprometer e sacrificar a si mesmos, em um ciclo vicioso demarcado de autoexploração e colapso. Em seu livro *A Sociedade do Cansaço* (2012), Han examina a interação entre o discurso social e o discurso biológico, e apresenta uma permeabilização que ocorre entre ambos para comunicar uma mudança de



Filósofo e ensaísta sul-coreano Byung-Chul Han

paradigma, que está despercebido. Sua tese demonstra que já não vivemos em uma sociedade imunológica, mas que a violência imanente ao sistema é neuronal e, portanto, não desenvolve uma reação de rejeição no corpo social. Han encontra razões para explicar a pandemia dos estados patológicos neuronais. Ele afirma que a nova violência é neuronal e imanente ao sistema, que atribui ao “superdesempenho”, à “supercomunicação” e à “superprodução” as causas que geram o colapso do “Eu”, naquilo que ele denomina de “infartos psíquicos”; e para atender à “sociedade do cansaço”, o esgotamento, a fadiga, a sensação de asfixia são manifestações dessa violência neuronal que se vê projetada a partir do próprio sistema e se infiltra numa sociedade permissiva e pacífica. Han diz que a positividade da sociedade (e do mundo) – diante do colapso social – permite uma violência que se constitui como uma forma de terror à interioridade e conduz o indivíduo ao “espaço do idêntico” livre da negatividade, sem polarização entre amigo e inimigo.

Byung-Chul Han analisou que a sociedade atual é a sociedade do desempenho e não mais existe o normal e o anormal. A sociedade positiva do desempenho se instituiu no afirmativo “Yes, we can” (Sim, nós podemos). As motivações, o empreendedorismo, o projeto, a iniciativa e autonomia substituíram a proibição, o mandato

ou a lei. O novo paradigma afirma que a positividade de “poder” é mais eficiente do que a negatividade do “dever”. Desse modo, o inconsciente social passou do “dever” ao “poder” imperativo. A passagem da sociedade disciplinar para uma sociedade do desempenho trouxe as doenças neurais devido ao desaparecimento dos papéis, que a sociedade do controle permitia e à posterior indução à iniciativa pessoal que obriga o “Sim, eu posso!” Han nos diz: “Na realidade, o que adoecer não é o excesso de responsabilidade e iniciativa, mas o imperativo do desempenho como novo mandato da sociedade de trabalho da tardo-moderna” e a sua liberdade irracional e contraditória. Nesse contexto, “o sujeito do desempenho se abandona à liberdade obrigada ou à livre obrigação de maximizar o seu desempenho. O excesso de trabalho se aprofunda e se converte em autoexploração. Esta é muito mais eficaz do que a exploração por outros, pois é acompanhada por um sentimento de liberdade”. O excesso de positividade e de estímulos para produzir provocou o adoecimento da percepção a perda da sensibilidade, nisso deu-se o início do infarto do ‘eu’ e do colapso social. A ansiedade, a depressão e as doenças neurais recebem o excesso de medicamentos para uma produtividade sem conflitos. Han apresenta a tese de que: “A sociedade do desempenho, como sociedade ativa, está se tornando paulatinamente em uma sociedade do doping”. Percebe-se que o uso de ‘drogas inteligentes’ maximiza o desempenho do indivíduo. Diante desse caos, pode-se concluir que o cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço a sós, que isola, divide, destrói toda comunidade e a própria linguagem. Esse cansaço violento impossibilita de cuidar de si e engessa o grito do infarto psíquico, destrói a irmandade. As doenças neurais estão gerando o colapso da “sociedade do cansaço”.

Na extensão dessa coluna, sinta-se convidado para a audição do 285 Domingo Sinfônico, deste dia 20, das 22h às 0h. Baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Irei comentar a vida do regente alemão Otto Nossan Klemperer (1885-1973). Ele conviveu com a doença do transtorno ciclótico, sua superação é um exemplo de dignidade humana.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Rigorosa cegueira

Nova York, 1870. Inventei de rever *A Época da Inocência* (1993), de Martin Scorsese, depois de ouvir trechos de uma palestra de Marcelo Backes sobre o tema, que uma amiga me enviou. Não me lembrava ou talvez, no único dia em que assisti no cinema, nos anos 1990, não me atentei para o murro que Scorsese consegue socar ao conciliar com maior destreza a multiplicidade de nossas escolhas. É uma descrição minuciosa de um período histórico, à maneira de filmes de época.

Curiosamente, fiquei ali horas vendo o filme e voltando para rever as cenas e diálogos, sabendo que tudo aquilo estava me matando. Eu me coloquei na pele da personagem de Archer. Esse filme, de todos os filmes, baseados em clássicos da literatura, emula as propriedades de um estilo literário. Aliás, supera. Nem parece livresco, nem cinema, é algo assustador.

A Época da Inocência invadiu meu quarto e o tornou mais frio, mais vazio, pois, o filme requer uma atenção redobrada aos detalhes tão pequenos de nós três. Claro que o homem é frágil, (eu sei), apesar da estrutura máscula, do suposto poder (inventivo), mas a personagem de Archer está presa a si mesma, com o coração acorrentado a uma a solidão que dilacera o desejo da liberdade, mesmo que tardia. Mas não vale.

A falta de coragem, a covardia, mesmo sabendo que o amor poderia ser correspondido. Tudo é possível em qualquer fase da vida, e a “época” que eu falo aqui é outra. Não se trata de ser jovem ou velho, já que na velhice só podemos permanecer calados, de mãos dadas ou atadas. O filme é cruel.

Baseado no livro de Edith Wharton (1862-1937), vencedor do Prêmio Pulitzer de 1921. Edith é a romancista da classe rica de Nova York do século 19. O que se passa no filme e no livro, acontece todos os dias, quando nos defrontamos com as escolhas – muitas rejeitadas e raras interrompidas. É tão fácil e o fato de ser fácil, é que torna difícil.

Se eu for esclarecer de modo tão incisivo, minha opinião refletirá sobre a verdade da tragédia humana, que se repete todo santo dia. O escritor Oscar Wilde dizia que apenas os tolos não julgam pelas aparências e, se o desejo segue a estrutura triangular, tal como mostra Scorsese, o fingimento é uma constante em todas as épocas. Aí, a inocência deixa de inocência e vira a crença dessa “coisa” que chega até nós. Sonhar “cavalgando” tempos depois, não vale. Por isso não deixe o cavalo passar selado...

Resumindo: Newland Archer (Daniel Day-Lewis) é um jovem advogado que está comprometido com May Welland (Wynona Ryder). Ambos da elite aristocrática norte-americana. O interesse de Newland por May desaba, com a volta da Condessa Olenska (Michelle Pfeiffer), prima de sua noiva e uma paixão de infância. Olenska abandonara o marido e começa o andamento do divórcio. É uma mulher muito bonita, livre, que faz o que quer da vida. Será que é isso que os homens gostam?

Após a cena de abertura do filme, com muitas rosas, somos levados ao palco de um teatro onde dois cantores encenam a ópera *Fausto*, de Gounod. A escolha da ópera é apropriada: a Condessa Olenska, personagem que terá o foco da nossa atenção durante essa primeira parte do filme, (até o fim), é vista por vários críticos como o próprio Mefistófeles, uma entidade diabólica nascida durante a Era Medieval, e apresentada como uma das manifestações do mal. Eu até aceito, mas ruim é saber que a personagem do advogado Newland Archer nunca teve um dia feliz em sua vida. O desejo mata.

A amiga que mandou o vídeoaula do professor Marcelo Backes, reafirma as palavras do mestre: “*A Época da Inocência* é o filme mais violento de Scorsese”. Agora me digam: o que fazer com a rigorosa cegueira?

Kapetadas

- 1 - Te amo. – Infelizmente não posso amar de volta uma pessoa que começa uma frase com um pronome oblíquo.
- 2 - Sempre lembrando: antes de amar o próximo, termine com o atual.
- 3 - Som na caixa: “Veio e não veio quem eu desejaria, se dependesse de mim”, Caetano Veloso.

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Imagem: Divulgação

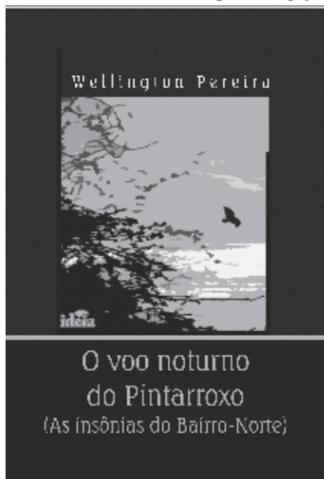
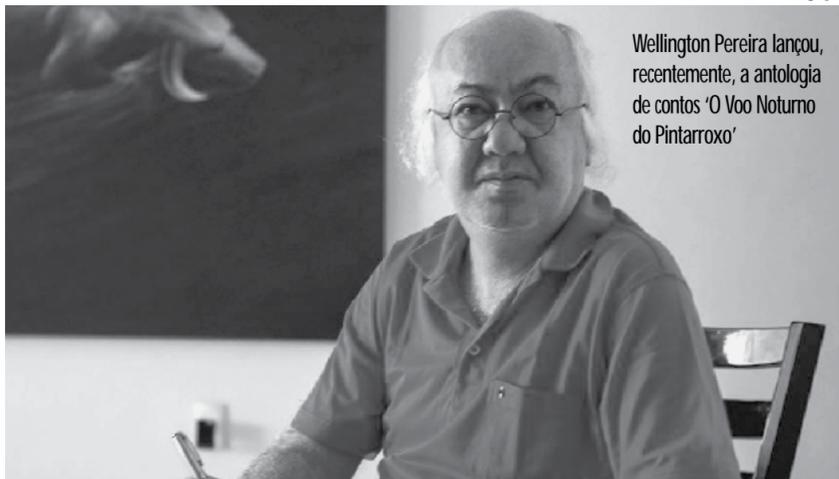


Foto: Antonio David/Divulgação



Wellington Pereira lançou, recentemente, a antologia de contos 'O Voo Noturno do Pintarroxo'

Uma "estética" da escuridão que nos remeteu ao cinema

Lendo recentemente uma matéria do amigo Guilherme Cabral, em entrevista com o escritor paraibano Wellington Pereira, parceiro nosso da UFPB, sobre a sua mais nova antologia de contos *O Voo Noturno do Pintarroxo*, alguns pontos citados pelo autor em *interview* balizaram meu interesse pelo conteúdo da obra.

Primeiro, no que se refere ao título de um dos contos, o que me levou a lembrar de um filme que vi há mais de quinze anos, intitulado *A Sombra e a Escuridão*, cuja ação se passa na África com o ator Michael Douglas. E segundo, sobre um trabalho acadêmico apresentado na UFRN, que tive acesso, sob título *A beleza na escuridão*, e que trata de uma mulher com deficiência visual lidando com produtos de beleza.

No que diz respeito ao título de um dos contos de Wellington – *A Estética da Escuridão* –, justo o que abre seu livro, em que o autor imprime uma metáfora (assim como o fez ao "pintarroxo"), trata-se de uma "estética vivencial", de um olhar social, mas sem o devido compromisso aos ditames visuais comuns à verdadeira imagem enquanto harmonia física de formas e cores.

Associando essa tal "escuridão" de que propõe o autor à real falta de luz, o

feito nos conduz imediatamente ao processo de "luz e sombras", fenômeno esse que sempre nos premiou a fotografia e o cinema. Em ambos segmentos, o escuro (falta de luz) tem um significado "visual" simbólico. Uma imagem *noir*, onde predomina o escuro, sempre foi expressiva como linguagem no cinema. O que dizer, então, de uma cena totalmente escura, mas com uma voz diegética impondo ao espectador maior atenção e leitura sobre ela? Essa "estética" sem luz alguma faz parte também de um possível discurso visual narrativo cinematográfico.

A outra questão que enfatizo na entrevista de Wellington Pereira é das relações entre o conto, "uma peça de jazz e um curta-metragem de cinema". Segundo disse, nessas criações "É preciso manter o foco, que não pode ser múltiplo..."

Não em razão da música, do jazz, que não é da minha aptidão criativa, mas quanto ao curta-metragem, esse que me diz respeito, estou de acordo com o autor no que se refere a ser uma criação mais "mental" e também bem focada. Só que, no caso específico da cinematografia esses valores criativos são diferenciados, quando se trata de curta-metragem ou longa-metragem, sob as especificidades documentais e ficcionais. A obra ficcional no cinema exige uma narrativa de co-

meço-meio-fim em razão de um ou mais personagens e seus conflitos. No documentário, essa narrativa é mero registro de fatos, que podem até envolver personagens... Aliás, são temas que devem demandar mais reflexões e estudos.

Entendo que, tanto a ficção como o documentário, sejam esses de curta ou longa duração, ambos têm seus tempos e espaços reflexivos a serem demarcados. No caso da construção ficcional mais ainda, por se tratar de um argumento em base literária, portanto, a partir de um folhetim ou coisa que o valha. Nesse caso é imperativo um verdadeiro padrão laborativo, capital exigência na construção do audiovisual.

Quanto ao projeto de perfil do autor no Facebook, citado em *interview*, *Voltaire e as Quatro Estações* não o conheço ainda. Terá alguma conexão com o filósofo iluminista Voltaire, a quem fiz referência em recente artigo sobre suas influências na Revolução Francesa, também se as "quatro estações" teriam a ver com a famosa peça musical de Vivaldi? Aliás, pelo que vejo nesse título, talvez não seja coincidência a conexão peculiar franco-italiana dos VVs. Enfim, parabéns acadêmico parceiro pela sua obra; a qual aguardo... – Mais "coisas de cinema", acesse: www.alexasantos.com.br.



Fanpage APC: nota

Administradora da fanpage APC-Group (www.facebook.com/groups/AcademiaParaibanadeCinema/), fiel às normas que regem a própria Academia Paraibana de Cinema (APC), agradece aos seus mais de 300 seguidores, mas comunica não ser permitida a divulgação de quaisquer informes que não sejam sobre cinema – livros publicados, artigos, informes, notas, fotos e vídeos sobre filmes. Doravante, a inobservância a esse princípio, o integrante terá cancelada, sumariamente, a sua participação no grupo.

Audiovisual

Festival 'É Tudo Verdade' traz uma programação com 60 filmes gratuitos

Agência Estado

Serão 60 títulos, distribuídos entre as competições brasileira e internacional, e apresentações especiais, fora de concurso. O É Tudo Verdade deste ano ocorre remotamente. A exceção é o longa de abertura, *A Cordilheira dos Sonhos*, que terá sessão presencial no Drive-in Belas Artes, às 20h30 do dia 23, para convidados. Simultaneamente, poderá ser visto no endereço www.etudoverdade.com.br.

Os 10 filmes da competição brasileira serão exibidos às 21h, com debate às 17h do dia seguinte. Os 12 longas internacionais passam às 18h, com duas exceções que você encontra no site. Entre as muitas atrações, *Atravessa a Vida*, de João Jardim, sobre estudantes do Ensino Médio em Sergipe, e o novo documentário de Mark Cousins, feito durante o confinamento. O festival segue até 4 de outubro.



Foto: Divulgação

Dentre as atrações está 'Atravessa a Vida', de João Jardim, sobre estudantes do Ensino Médio sergipano

Letra Lúdica

Hildegardo Barbosa Filho

hildegardobarbosa@bol.com.br

Como viver

Como viver? A esta pergunta, Montaigne procura responder com vinte tentativas de resposta, segundo o esquema proposto por Sarah Bakewell, escritora inglesa, em sua biografia do pensador francês. Mais que uma biografia intelectual, o livro de Sarah é visto por alguns como "um guia para a vida". Mas, existiria mesmo um guia para a vida? A vida, este jogo de regras surpreendentes, esta arena aberta e sem limites, este território plural e enigmático, é passível de receituários e mandamentos? Tudo leva a crer que sim, pelo menos através do olhar articulado e engenhoso de Sarah Bakewell decodificando os ensaios de Montaigne.

Vejam as respostas formuladas pela ordem capítular e glosemos uma que outra com as possibilidades oblíquas e sinuosas de um ceticismo quase sanguíneo. "Não se preocupe com a morte"; "Preste atenção"; "Trate de nascer"; "Leia muito, esqueça quase tudo que lê e raciocine com lentidão"; "Sobreviva ao amor e às perdas"; "Recorra a pequenos truques"; "Questione tudo"; "Tenha um compartimento privado nos fundos da loja"; "Seja sociável: viva com os outros"; "Desperte do sono do hábito"; "Viva com temperança"; "Preserve sua humanidade"; "Faça algo que ninguém nunca tenha feito"; "Conheça o mundo"; "Faça um bom trabalho, mas nem tão bom assim"; "Filosofe só por acaso"; "Refleta sobre tudo; não se arrependa de nada"; "Abra mão do controle"; "Seja comum e imperfeito" e "Deixe a vida responder por si mesma".

Ora, como não se preocupar com a morte? Depois de certa idade, ela se torna mais palpável com suas astúcias de estranha dançarina, convocando amigos, confrades, parentes para as artes negras de seus macabros rituais. De outra parte, é bom pensar na morte. Pensar na morte ajuda o sujeito a compreender e a valorizar um pouco mais a vida. Aliás, não dá para separar a morte da vida. Morte e vida são instâncias dialéticas de um mesmo movimento, uma se alimentando da outra numa espécie de "antropofagia de famintos", como diria o velho Augusto. Já Cassiano Ricardo, num poema esquecido, diz que "um ano a mais" é, na verdade, "um ano a menos".

Ler muito é fundamental, mas esquecer o que se leu também conta, porque, de certa maneira, o esquecimento constitui uma espécie de leitura, uma contra-leitura ou uma leitura pelo avesso, enviesada, suspensiva, que respeita e ao mesmo tempo despreza a sabedoria dos livros. Afinal, a vida não se resume a livros, mesmo para os bibliófilos, os bibliômanos e os bibliopatas de todos os gostos e estirpes. A vida é maior que os livros!. Por outro lado, raciocinar com lentidão pode ser bom ou não: depende da ocasião e do contexto. Quero crer que há situações em que o melhor seria mesmo não raciocinar, abdicarmos de nossa humanidade e assumirmos o animal que somos, aquele mesmo do poema do velho Augusto: "animal inferior que urra nos bosques".

Também penso que se deve questionar tudo, inclusive o ceticismo de Montaigne, porém, nada perdemos se despertarmos do hábito, isto é, se fugirmos da rotina e nos entregarmos ao novo e ao desconhecido. Não obstante, lembro ao leitor: nunca esqueça o sabor da rotina e a beleza da mesmice. Quanto a possuir um espaçozinho no fundo da loja, ou seja, um cantinho só seu dentro de casa, nada me parece mais decisivo para a saúde mental do indivíduo que pensa. O direito de estar só é essencial; é uma oportunidade única e mágica de conversar com os outros (céu e inferno) que nos habitam por dentro o silêncio e os paradoxos de nossa alma. É claro que Montaigne também sabia disto!

Foto: Divulgação



Escritor francês Michel de Montaigne (1533-1592)

Colunista colaborador

Ainda sob pressão, Botafogo enfrenta o Remo em Belém

Técnico Rogério Zimmermann tem a chance de escalar a melhor formação para buscar a parte de cima da tabela

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

Dois times pressionados por vitória para reagir no Campeonato Brasileiro da Série C. Assim entrarão em campo, neste domingo, Remo e Botafogo, às 18, no Estádio Mangueirão, em Belém, no Pará. A partida é válida pela sétima rodada e terá um trio de arbitragem de Mato Grosso, comandado por Alinor Silva da Paixão, auxiliado por Marcelo Grandó e Fernanda Kruger.

Pela primeira vez, desde que chegou ao Botafogo, o técnico Rogério Zimmermann vai contar com praticamente todo o time à disposição, com exceção do goleiro Felipe, que foi punido com 4 jogos de suspensão, pela expulsão no jogo contra o Bahia, pela Copa do Nordeste. O goleiro já cumpriu 1 e restam mais 3. O reserva imediato, Samuel vai substituí-lo.

Por outro lado, o treinador botafoguense terá à disposição o meia Juninho que cumpriu suspensão contra o Vila Nova, o zagueiro Luiz Gustavo e o lateral esquerdo Mário Sérgio, ambos foram liberados pelo departamento médico. Após o empate dentro de casa na última rodada, o clube precisa vencer para encostar no G4. A equipe está na oitava posição, com 6 pontos, 3 a menos do que o adversário que tem 9 e é o terceiro colocado na tabela de classificação do Grupo A. Se depender do otimismo dos jogadores e do próprio técnico Rogério Zimmermann, o Belo vai sair de Belém com um resultado positivo.

“Se olharmos os últimos 3 jogos, nosso time venceu uma e empatou duas. Fizemos 5 pontos, atrás apenas do Santa Cruz, que conseguiu 6 pontos nas 3 últimas rodadas. Isto mostra duas coisas, que o Botafogo vem crescendo na competição e que a Série C está muito igual, disputada ponto a ponto, as equipes se equivalem. Então, temos chances de vencer o Remo dentro de casa”, concluiu o treinador.

Do lado do Remo, apesar de estar melhor colocado do que o Botafogo, o clube não vence há 6 jogos, 4 deles pela Série C. O técnico Mazola Junior aproveitou esta semana para recuperar a forma física dos atletas e treinar posse de bola e finalização, segundo ele, as principais falhas da equipe nos últimos jogos. Depois de uma maratona de 12 jogos em 41 dias, finalmente o treinador teve tempo de treinar melhor a equipe.

“Assim como o Botafogo, o Remo vem numa crescente e apesar da derrota para o Santa Cruz, fizemos a melhor exibição no campeonato até agora. A tendência é que melhoremos ainda mais contra o Botafogo, que é uma grande equipe com muita qualidade do meio campo para frente, com jogadores e técnico experientes. Será um jogo difícil, mas confio na vitória, depois dessa maratona de jogos seguidos”, disse o treinador.



Foto: Ascom/Botafogo

Jogadores do Botafogo precisam melhorar o desempenho nos jogos para iniciar uma reação em busca de um lugar no G4

No Perpetão

Atlético enfrenta o Globo-RN hoje na estreia do Brasileiro da Série D

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

Após 13 anos sem participar de um Campeonato Brasileiro, a última vez foi pela Série C, em 2007, o Atlético de Cajazeiras volta a participar de uma competição nacional e estreia neste domingo na Série D, contra o Globo do Rio Grande do Norte. A partida está programada para as 16h, no Estádio Perpetão, em Cajazeiras. O árbitro central da partida será o piauiense, Ideilon Helton Alves Lima, auxiliado pelos paraibanos Paulo Ricardo Alves Farias e Gleydson Francisco.

As expectativas dos atleticanos para esta Série D são muito boas, porque nunca o clube investiu tanto na formação de um elenco.



Foto: Instagram/Atlético

Jogadores do Atlético de Cajazeiras estão ansiosos para o jogo de estreia depois de vários dias de treinamentos

O pensamento é fazer uma boa campanha e lutar pelo acesso à Série C do próximo ano. Para tanto, o clube contratou vários jogadores, mantendo a base do elenco do Campeonato Paraibano e o treinador Ederson

Araújo, que está no clube desde 2017.

Para esta partida de estreia contra o Globo, de Ceará Mirim-RN, o único desfalque do Trovão Azul é o zagueiro Egon, que não foi regularizado a tempo

para o jogo. Nas demais posições, o Atlético deverá entrar em campo com Ariel, Iranilson, Uesley, Jeferson e Guilherme; Patrick, Jean, Enercino e Gabriel Mendes; Henrique Pacheco e Bruno.

Grêmio x Palmeiras é o principal clássico da rodada do Brasileirão

Geraldo Varela

gvarellajp@gmail.com

Apenas quatro jogos hoje pelo Campeonato Brasileiro da Série A com destaque para o clássico entre Grêmio e Palmeiras, às 16h na arena gremista. O time gaúcho jogou no

meio de semana pela Libertadores e perdeu de 2 a 0 para a Universidad Católica, antes pelo Brasileiro empatou em 1 a 1 com o Fortaleza. O time de Renato Gaúcho faz uma campanha ruim e está mais para a zona de rebaixamento que para a parte de cima

de tabela do Brasileirão. Já o Palmeiras vive melhor fase e é único invicto no Brasileirão. É o sexto colocado e vem de expressivo resultado como a vitória de 2 a 1 sobre o Bolívar fora de seus domínios. No Brasileirão empatou em casa com o Sport em 2 a 2.

Outro jogo importante da rodada será no Engenhão entre Botafogo e Santos. O time carioca está na zona de rebaixamento. Completa a rodada os jogos Sport x Fluminense e Coritiba x Vasco. O domingo ainda prevê muitos jogos pelas Séries B, C e D.

JOGOS DE HOJE

■ **Brasileiro da Série A**
16h
Grêmio x Palmeiras
Coritiba x Vasco

18h15
Botafogo x Santos

20h30
Sport x Fluminense

■ **Brasileiro da Série B**
11h
Avai x Sampaio Corrêa

■ **Brasileiro da Série C**
18h
Remo x Botafogo-PB

20h
Ferroviário x Paysandu

■ **Brasileiro da Série D**
15h
Bragantino x Vilhense
Brasiliense x Caldense

15h30
Potiguar x Freipaulistano

15h45
Altos x São Raimundo

16h
Ji-Paraná x Atlético Sinop
River Guarany x Salgueiro
Afogados x Floresta
Atlético x Globo
Vitória x Coruripe
Itabaiana x ABC
Vila Nova x Palmas
Casavel x Cabofriense
Tubarão x São Luiz

17h
Baré x Moto Club

19h
Galvez x Fast
Mirassol x Bangu

Projeto na PB monitora e preserva a fauna marinha

Ideia é engajar universidades, governos, setor turístico e comunidades locais em ações de proteção aos animais

Dina Melo
dinapereirademelo@gmail.com

A Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável inaugura em 2021 a era da preservação dos oceanos, segundo meta estipulada pelas Nações Unidas (ONU). Em João Pessoa, a comunidade científica se antecipou ao criar um projeto que busca à preservação de exemplares da megafauna marinha ameaçada, a exemplo de baleias, golfinhos, botos, tubarões, peixes-boi e tartarugas. Financiadas pela Fundação Grupo O Boticário de Proteção à Natureza, com apoio do Centro de Pesquisas Ambientais do Nordeste (Cepan) e do Instituto Parahyba de Sustentabilidade (Ipas), as pesquisas têm previsão para terminar em 2022.

“O objetivo é monitorar os exemplares da megafauna do nosso litoral e criar ações concretas de conservação por meio do engajamento entre universidades, governos, setor turístico e comunidades locais, como pescadores, que atuam como cidadãos-cientistas”, explica o coordenador e autor do projeto, o professor Bráulio Santos, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Dez desses pescadores, de João Pessoa e do Conde (Litoral Sul), foram treinados por uma equipe de biólogos para coletar informações sobre os animais avistados, bem como manejar as redes de pesca de forma a libertá-los sem danos na natureza no caso da captura acidental. “Este é o braço cidadão da iniciativa”, explica.

A bióloga Yedda Oliveira coordena o Programa Observatório Marinho e dirige a ONG Ipas. Ela está monitorando as tartarugas, peixes-boi e botos cinza. “Cada pescador tem um GPS na embarcação para fazer o monitoramento de bordo desta megafauna. Ele também

anota numa prancheta informações como data e hora da espécie que avistou, a sua fase da vida, se estava em grupo ou não e qual comportamento desenvolvia”, informa. Com isso, é possível identificar as pressões sobre esta biodiversidade (as mais ameaçadas são a de pente e a cabeçuda).

“No caso desses répteis, após localizarmos onde se concentram, buscamos conhecer como são esses ambientes. Por isso capturamos imagens subaquáticas de 15 pontos de amostragem nas três principais cidades costeiras onde aparecem (Cabedelo, João Pessoa e Conde)”, diz Oliveira. A pesquisadora descobriu que a baixa diversidade de macroalgas calcárias, que servem de alimento aos répteis, é uma possível decorrência do impacto do turismo dos últimos 20 anos. A equipe realiza também ações específicas nas colônias, financiadas pela Fundação Van Tienhoven para a Proteção da Natureza, como a transformação das redes-fantasma, verdadeiras armas contra as tartarugas, em matéria-prima para oficinas de artesanato com as famílias dos pescadores.

Pela avaliação de Santos, a mão humana está por trás da destruição de todos os ecossistemas: seja por meio da poluição, pesca predatória, turismo desordenado, degradação dos habitats ou mineração. Como quanto menor o número de indivíduos daquela população, maiores as chances de ela desaparecer, os biólogos traçaram um plano contendo 20 ações a serem desenvolvidas com ONGs ambientalistas para proteger a fauna – a mapeada e a que ainda precisa ser descoberta e estudada.

Continua na página 14



Foto: Divulgação

Baleias, golfinhos, botos, tubarões, peixes-boi e tartarugas estão sob o olhar vigilante de protetores ambientais que integram o projeto, coordenado pelo biólogo Bráulio Santos, professor da UFPB

Foto: Mar Aberto Mergulho/Divulgação



Imagens subaquáticas ajudam os pesquisadores a compreenderem melhor o comportamento dos animais e o ambiente em que vivem. No caso das tartarugas, as imagens abrangem 15 pontos de amostragem em João Pessoa, Cabedelo e Conde



Foto: Divulgação

Foto: Mar Aberto Mergulho/Divulgação



Essas coisas

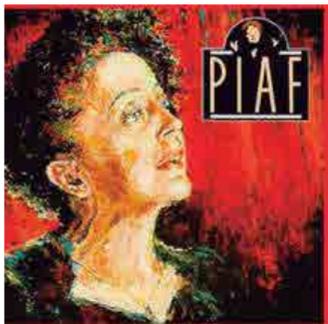
Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | colaborador

Entre os grandes sucessos de Piaf

Quando eu tinha, mais ou menos, 15 a 16 anos de idade, na faixa da música internacional divulgada no rádio, os EUA e a França tinham quase a mesma preferência. Tanto que era equivalente a procura por “I can’t stop loving you”, com Ray Charles, e “Et maintenant”, com Gilbert Bécaud. No cinema, os filmes franceses lotavam as casas com Brigitte Bardot, Alain Delon, Mylène Demongeot, Yves Montand, Jeanne Moreau e outros. Na literatura, era enorme a procura por Jean-Paul Sartre, sua mulher, Simone de Beauvoir, André Malraux, Jean Genet, Jean Anouilh, Maurice Druon, Alain Robbe-Grillet, Michel Foucault, Françoise Sagan, André Gide (este escreveu “Os moedeiros falsos”, considerada uma das 100 obras fundamentais da literatura mundial)... Não esqueci que, no Cine Plaza, era exibido, entre os trailers e o filme da sessão, o telejornal “Les actualités françaises” (narrado em português).

Foi nessa época que comecei a escutar três sucessos de Édith Piaf (ilustração) no rádio: “La vie en rose”, “Hymne à l’amour” e “Non, je ne regrette rien”.

No que eu mais gostava - e acho que toda a minha geração - era o “Hymne à l’amour”. Eu e familiares morávamos em Tambaú, na Praça Santo Antônio, onde depois foi construído



o edifício de mesmo nome, logo antes do Grupo Escolar Presidente João Pessoa. Éramos vizinhos da família do dr. Vicente Trevas. Três vezes por semana, à noite, amigos comuns reuníamos lá para escutar, entre outros, discos de Ray Conniff, Trio Irakitan, Agostinho dos Santos, Johnny Mathis, Frank Sinatra, Gilbert Bécaud, Rita Pavone e (com muita emoção) Édith Piaf. Em raras ocasiões, dr. Trevas permitia que tomássemos algo com álcool. O silêncio era completo quando Édith Piaf começava a cantar o “Hino ao amor”: “Le ciel bleu sur nous peut s’effondrer, / et la terre peut bien s’écrouler, / Peu m’importe. Si tu m’aimes, / Je me fous du monde entier”...

Permitam-me. Compreendam. Inclusive os que são mais novos e têm menos de 35 anos de idade. Permitam a transcrição das três últimas estrofes traduzidas de “Hymne à l’amour”:
“Eu iria até o fim do mundo, / Eu tingiria

meus cabelos em loiro, / Se você me pedisse. / Eu iria desprender a lua, / Eu iria roubar a fortuna, Se você me pedisse. / Eu renegaria a minha pátria, / Eu renegaria os meus amigos, / Se você me pedisse. / Podem muito bem rirem de mim, / Eu faria o que quer que seja, / Se você me pedisse. / Se um dia a vida te arrancar de mim, / Se você morrer, se você estiver longe de mim, / Pouco me importa, se você me ama, / Pois eu morreria também. / Nós teríamos para nós a eternidade, / No azul de toda a imensidão. No céu, mais nenhum problema. / Meu amor, você acha que a gente se ama?”.

O motivo deste texto literário, musical e amoroso é porque até hoje nunca deixei de amar.

Vale lembrar que há 37 anos - em maio de 1983 - Bibi Ferreira estreou “Piaf - A vida de uma estrela da canção”, com direção de Flávio Rangel e grande elenco. Com temporadas de absoluto sucesso no Rio e em São Paulo, reuniu mais de 700 mil espectadores.

Em 2000, o espetáculo foi apresentado em Paris. Na plateia muitos famosos, entre eles Michel Rivegauche, compositor de grandes sucessos de Piaf,

Enfim, como Piaf, continuemos a amar.

78 anos

Lia os textos dominicais que Caetano Veloso fazia para o jornal “O Globo” e eles confirmavam sua defesa da Língua Portuguesa, além de consolidá-lo como um escritor à altura de sua genialidade como compositor.

Dois desses textos referiram-se, em tom descontraído, ao que classifico como “razões linguageiras”. São razões que já o tinham levado bem antes a esta bela construção, que poderia ter surgido na Semana de 22, hoje ou em 2052:

“A língua é minha pátria / e eu não tenho pátria: tenho mátria / e quero fratria”. No início de “Língua” tinha alertado: “Gosto de ser e de estar / e quero me dedicar / a criar confusões de prosódias / e uma profusão de paródia / que encurtem dores / e furem cores como camaleões”.

Em “Língua”, Caetano cita alguns autores brasileiros: Guimarães Rosa, Chico

Buarque, Glauco Matoso e Arrigo Barnabé. De Portugal, os maiores: Luís de Camões e Fernando Pessoa.

De lá, de antes e desde sempre, o popfilósofo compositor baiano, tanto na literatura como na música, dá uma enorme contribuição para que a língua dos José Saramago e Lins do Rego - entre Portugal e Brasil - jamais seja fragilizada.

Valem mais do que centenas de teorias acadêmicas em defesa da língua portuguesa versos isolados como: “Eu quero aproximar o meu cantar vagabundo / daqueles que velam pela alegria do mundo / indo mais fundo, tins e bens e tais” (“Podres poderes”).

Percebe-se que não falei aqui em “Livros”, que o autor compôs a partir de “Verdade tropical”. Importa que, escutando-se o disco “Abraço”, a gente sabe que, aos 78 anos, Caetano Veloso continua com os 25 anos dados em “Alegria, alegria”.

Pescadores treinados para salvar e proteger animais

Trabalhadores coletam informações e lidam, na prática, com as redes de pesca, libertando animais capturados

Dina Melo
dinapereirademelo@gmail.com

Tudakiá Soares, o Tota, trabalha há 25 anos no mar e, até então, nunca havia atuado neste sentido: “É como se saíssemos da condição de predador para a de preservador. Tudo tem sido de grande valia. Quando vemos uma tartaruga presa numa rede, a desenrolamos e soltamos, e assim ensinamos aos outros”, diz ele, que também vigia os ninhos e informa a equipe quanto aos encalhes e mortes.

Ele é um dos pescadores treinados pela equipe do projeto para trabalhar diretamente no salvamento e na preservação dos animais marinhos. Esses pescadores coletam informações e lidam, na prática, com as redes de pesca. Agora, não mais prender, e sim, para libertar animais capturados.



Foto: Yeda Oliveira

Gigante gentil

Um dos mais pacíficos habitantes de nossas águas, tanto doces quanto salgadas, o peixe-boi marinho não faz jus aos seus 600 quilos e quase quatro metros de comprimento. O temperamento afável foi para-raios da caça predatória que, somada à baixa taxa de reprodução, intensa devastação do habitat, morte em redes de pesca e atropelamento por embarcações motorizadas, arrasou grande parte da população.

Iniciativas como o Projeto Viva o Peixe-Boi Marinho, de 2013, e a criação de uma APA em Barra de Mamanguape (Litoral Norte), um dos santuários do mamífero e também destino do turismo ecológico, conseguiram conservar a espécie. Além de Barra, eles são vistos em Praia Formosa e Cambóinha (Cabedelo), Barra de Camarutuba (Mataraca), Praia de Pitimbu (Pitimbu), Baía da Traição e Jacumã (Conde).

Vilão injustiçado

Segundo o biólogo Júlio Lustosa, do Laboratório de Ictiologia da UFPB, a quantidade de espécies de tubarões a nadar por essas paragens ainda está em estudo – e os trabalhos de campo só foram retomados há três semanas devido à pandemia. “Os tubarões fazem parte de diferentes níveis da cadeia alimentar, sendo muitos considerados predadores de topo. Pela alimentação, controlam os animais abaixo dela, como peixes menores, lagostas...”, lista.

Os tubarões-lixia já são costumeiros da nossa costa. Para identificar outros parentes, os barcos são dotados de um bruv (abreviação em inglês que significa “vídeo remoto subaquático com isca”), já que há suspeitas de tubarões-martelo, limão, entre outros, como cogita o professor Bráulio, amparado no relato dos pescadores.



Foto: Divulgação

Baleias e golfinhos

O mar que banha a Paraíba reserva, de vez em quando, surpresas para os banhistas, quando golfinhos resolvem dar o ar da graça a poucos metros da areia. Um trabalho de revisão de encalhe de cetáceos na Pa-

raíba realizado entre 1990 a 2010 revelou a presença de 14 tipos de botos, golfinhos e baleias.

Até 1987, a caça às baleias no Estado era permitida e, entre os principais alvos estavam a espadarte, a jubarte, a cachalote e a minke. Até

mil animais eram pescados em Costinha entre 1970 e 1985, colocando a Paraíba na rota do sangrento comércio. Hoje, felizmente, são águas passadas. Pesando até 40 toneladas e 16 metros de comprimento (o equivalente a um prédio de quatro andares) as

Projeto capacita pescadores (acima) para o trabalho de proteção e preservação da vida marinha. Ao lado, momento de captura de tartarugas para observação

jubarte não guardam rancor. Elas costumam visitar a costa nordestina todos os anos para acasalar, onde ficam até novembro ou dezembro. Os levantamentos realizados pelo Instituto Baleia Jubarte indicam uma população de cerca de 9 mil indivíduos.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

O poema circula na praça e no sanitário

O radialista, poeta cordelista e dramaturgo Fábio Mozart acaba de lançar um opúsculo em formato de bolso com o título “Poemas malditos em prosa, verso, gesto e grito”, tentativas de haicai, tercetos que reduzem ao mínimo a imagem poética. Nos gestos e gritos miniaturizados, Fábio recomenda a leitura do livrinho em filas, sanitários, praças e ônibus. Baratinho, o livro foi produzido abrindo os direitos autorais. Diz a legislação que “aos autores pertence o direito exclusivo de utilização, publicação ou reprodução de suas obras, transmissível aos herdeiros pelo tempo que a lei fixar”. O autor Mozart quer que o usufruto da obra seja de todos, de maneira comercial ou apenas moral. Ele avisa:

Contrariando a lógica do mercado salafitário o poema circulando na praça e no sanitário.

Que a indústria cultural “ilumina

como engano à massa”, conforme Theodor Adorno, isso já se sabe desde as peripécias de Monteiro Lobato na tentativa de criar um parque gráfico acessível para o autor nacional e uma base de leitores interessados no que nossos escritores têm a dizer. A poesia de Fábio Mozart circula entre amigos e nos sebos. Sua ideia determinante é produzir arte no teatro e na literatura, enquanto dissemina empreendedorismo social e cultural. Criou grupos teatrais, rádios comunitárias, times de futebol, associações de artistas, jornais e academias. Conheci o dito cujo na década de 1980, no movimento teatral amador da Paraíba. Ele vivia em Itabaiana, cercado pela influência de prodígios feito Zé da Luz, Sivuca, Ratinho, Vladimir Carvalho e mais recentemente, Jessier Quirino, vindo de Campina Grande para “salvar o que estava perdido”, parodiando o evangelista. Sim, porque a cultura popular acompanha a decadência da sociedade moderna. O pensamento mágico e espiritual, a

memória coletiva, os valores artísticos do povo nunca estiveram mais ameaçados. Daí a importância do trabalho de um Jessier Quirino.

Mas eu falo da poesia de Fábio Mozart no livrinho “Poemas malditos em prosa, gesto, verso e grito”, que esta não tem raiz no pensamento e na forma do folheto tradicional da literatura de cordel, outro vetor da criatividade deste pernambucano, radicado na Paraíba há mais de meio século. Tive o prazer de inaugurar uma de suas crias, o Teatro de Bolso Nautília Mendonça, em Itabaiana, improvisado em um galpão. O teatrinho fechou, sem sustentação alguma dos tais órgãos públicos, como aconteceu com o nosso Teatro da Juventude de Cruz das Armas, o JUTECA em João Pessoa. E Mozart sempre foi descrente dos tais entes públicos e das divindades. Isso evidencia-se no verso:

Desconfiado de Deus e da ciência morreu com um pé atrás

ponto final com reticência...

O livro é farto em concepções e imagens anarquistas. O autor sempre combateu o fascismo cultural, e hoje, nesses tempos assombrosos de atraso e decadência cultural, o velho poeta ainda arrasta as mangas da camisa bastante gastas nas suas inúmeras atividades democratizantes, humanizadoras e solidárias. Criador progressista, Mozart não tolera ser chamado de poeta. “Sou trabalhador ferroviário”. Aqui e ali, o livrinho fala de ternura. “Nesses tempos de ódio, amar nos faz revolucionários”. E o velho ferroviário não planeja encerrar seu ofício na estrada de ferro da arte nem tão cedo. Assim ele finaliza o livrinho, que recomendo:

Reinstalei a memória que eu pretendo ser uma longa história.

(Texto excepcionalmente escrito por Bento Júnior, poeta, professor e ator)

Sistema fiscal precisa ser simples, justo e eficiente

Especialistas afirmam que maior incidência tributária sobre o consumo é danosa ao desenvolvimento do país

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Ao comprar um pão francês, o cidadão brasileiro paga 16,86% de tributos. No caso do açúcar, o percentual sobe para 30,60% e se for um produto considerado não essencial, como a cachaça, a alíquota chega a 81,87% como aponta o Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação (IBPT). Ou seja, em alguns casos, bem mais da metade do preço da mercadoria é constituído por imposto. E o valor pago por cada bem material ou serviço é o mesmo, tanto para os ricos, quanto para os pobres.

Então, proporcionalmente, para um trabalhador que tem renda mensal de um salário mínimo, é muito mais difícil arcar com o peso da carga tributária sobre o consumo, do que aquele que ganha o equivalente a cinco, dez ou mais salários mínimos todo mês. O pior é que, no sistema fiscal brasileiro a cobrança incide mais no consumo, do que na renda e o patrimônio. “Essa incidência não é justa, nem eficiente”, afirmou o economista e auditor fiscal do Tesouro Estadual da Paraíba, Acilino Alberto Madeira Neto, doutor em políticas públicas.

Segundo ele, 50% da carga tributária bruta do Brasil incide sobre o consumo, 30% é sobre a folha de salário e 20% sobre a renda

e a propriedade. “Portanto, é um sistema fiscal regressivo, porque os menos afortunados sentem muito mais o peso dos impostos. Há uma ineficiência econômica e injustiça fiscal. Isso não é bom para o desenvolvimento dos estados da federação”, alertou Acilino.

O professor do Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e auditor fiscal da Fazenda do Estado da Paraíba, Alexandre Salema, que tem doutorado em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), afirma que a grande carga sobre o consumo e em segundo lugar a renda (folha de salário) é ineficiente do ponto de vista econômico, porque em um sistema capitalista como o brasileiro, a população tem de consumir.

E, ao contrário do que deveria ser, a alta tributação faz com que reste muito pouco para a maioria dos trabalhadores adquirir bens e serviços. “E nenhuma economia funciona sem o consumo, seja o consumo interno, nacional, seja o exterior, o internacional”, frisou.

Sem consumo, caem as vendas no comércio, as empresas não produzem, o desemprego aumenta e a pobreza cresce. Conseqüentemente, a arrecadação cai, porque na economia tudo está interligado. Esse é um dos motivos pelo qual, o

modelo de tributação brasileira dificulta o crescimento econômico no país.

Um dado também agravante no sistema fiscal nacional, de acordo com Salema, é que quem sofre mais com a tributação é a pessoa física, já que ela não pode repassar os encargos tributários para seus salários, fazendo uma espécie de compensação. Já as empresas, apesar de enfrentarem a burocracia e complexidade tributária, podem passar seus encargos tributários para o preço final de uma mercadoria ou serviço. “Então, um dos gargalos de nossa economia é justamente esse modelo que suprime parcela considerável da renda individual”, disse Salema.

Ele ressalta que o sistema fiscal é arcaico, por isso, a Reforma Tributária é urgente. Mas, essa reforma precisa desonerar o consumo e remanejar a tributação para outras bases econômicas, como o patrimônio e as grandes riquezas. “É o que acontece nos países civilizados”.

Proporcionalmente, para um trabalhador que tem renda mensal de um salário mínimo, é muito mais difícil arcar com o peso da carga tributária sobre o consumo

O professor e auditor fiscal da Fazenda do Estado da Paraíba, Alexandre Salema, diz que a reforma tributária é urgente para desonerar o consumo e remanejar a tributação para outras bases econômicas



SAIBA MAIS

■ A realidade tributária nacional é bem diferente da dos países desenvolvidos como os que integram a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), onde o sistema fiscal é progressivo, que consiste em arrecadar mais de quem tem mais recursos.

Brasil tem atualmente cerca de 80 tributos

Além de ser injusto e ineficiente economicamente, especialistas afirmam que o sistema fiscal brasileiro também é complexo. Basta considerar que existem tributos cobrados no âmbito federal, estadual e municipal. Portanto, mesmo um tributo federal, como o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), ele é recepcionado conforme o regulamento vigente em cada uma das 27 federações, sem falar que existem mais de 5 mil municípios que também têm sua legislação.

Neste contexto, o professor do Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e auditor fiscal da Fazenda do Estado da Paraíba, Alexandre Salema, afirma que, se na pessoa física tem uma subtração da renda e maior compressão do consumo, na pessoa jurídica tem toda uma complexidade que acaba emperrando o fluxo dos negócios. “Imagine o que é uma empresa, no âmbito nacional, sendo tributada na Paraíba de uma forma, e em Pernambuco, de outra? Para conciliar tudo isso é praticamente impossível”, exemplificou.

De acordo com Salema, mesmo que as empresas sejam oneradas em menor proporção, assumindo apenas 1/3 da carga tributária nacional, tem outra questão que precisam enfrentar:

as obrigações acessórias. E esses deveres trazem mais custos para os empreendedores. “A complexidade do nosso sistema tributário é tanta que a empresa tem de ter uma estrutura administrativa com contadores, analistas, uma série de profissionais para atender essa burocracia tributária. Isso traz uma despesa adicional”.

Outro ponto é que, no Brasil, existem cerca de 80 tributos, muitos deles pouca gente conhece. Para o professor, isso é insustentável tanto para o contribuinte quanto para a Fazenda Pública, que demanda um aparato estatal enorme para efetuar arrecadação.

Harmonização tributária

O professor do Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e auditor fiscal da Fazenda do Estado da Paraíba, Alexandre Salema, explica que a tributação de um país não deve ser muito diferente da legislação da de outras nações. Isso porque traz barreiras às transações internacionais.

Se no Brasil, o sistema fiscal é regressivo, incidindo mais pesadamente sobre os que têm menor renda, nos países desenvolvidos isso não ocorre, porque a tributação tem maior peso naqueles que têm mais condições financeiras e grande patrimônio. Vale res-

saltar a complexidade tributária brasileira.

Salema afirmou que para o exportador, também é complicado levar seus produtos para dentro de uma economia onde o sistema tributário é completamente diferente. “Isso pode trazer, inclusive, bitributação, ou seja, o produto pode ser tributado no Brasil e em outro país sobre uma mesma base econômica de incidência. Por isso, é urgente haver uma reforma tributária de fato e não meramente uma maquiagem. É preciso entender o que se passa no mundo e trazer modelos mais avançados para nosso país”.

Menos arrecadação

Como a grande carga tributária no Brasil recai sobre o consumo, em uma situação de pandemia, como a de covid-19, há queda na arrecadação. Isso ocorre porque há uma retração na aquisição de bens e serviços por causa das consequências do isolamento social: estabelecimentos fechados, desemprego, as incertezas com relação ao futuro.

O professor do Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e auditor fiscal da Fazenda do Estado da Paraíba, Alexandre Salema, ressalta que no plano federal, a queda na arrecadação chegou a 30%.

Época é de segurar despesas

Mesmo com a retomada gradativa, Salema reforça que a economia não vai voltar a crescer de uma hora para outra, o processo será muito lento. “Não é época de gastar dinheiro. Adia-se o consumo para o período de mais segurança”, completou.

Na Paraíba, o maior impacto da pandemia foi em abril e maio, mas, em junho, o Estado conseguiu nivelar os tributos aos patamares do mesmo período do ano passado. “A situação da Paraíba é diferente dos demais estados brasileiros, a exemplo de São Paulo, onde a queda da arrecadação foi muito grande”.

Para arrecadar mais, Alexandre Salema frisa que uma das estratégias dos gestores públicos seria aumentar as alíquotas, principalmente dos impostos. “Isso é provável que ocorra. No plano estadual, a última vez que isso aconteceu foi em 2015. Quando a economia nacional começou a ter uma queda por causa das discussões sobre o impeachment, os estados aumentaram as alíquotas para fazer frente a uma possível queda na arrecadação e deu certo. Mas essa não é uma solução adequada, é um paliativo, porque atinge o poder de compra do consumidor e faz com que haja uma de-

saceleração da economia”, explicou.

Para ele, esse é um bom momento para os gestores públicos reverem as despesas públicas, evitando endividamento estatal. “A grande responsabilidade fiscal hoje dos gestores é fazer com que as despesas públicas sejam revistas e fazer com que caibam no orçamento público. A grande questão é aonde cortar as despesas públicas? Aí é uma decisão política e não jurídica. Daí a importância da qualidade do voto. As escolhas do cidadão também impactam nas finanças públicas”.

Efeitos nocivos

No atual sistema fiscal brasileiro, estados do Nordeste como a Paraíba, eminentemente consumidores, são prejudicados porque o modelo de tributação é regressivo.

Acilino Alberto Madeira Neto destaca que o Estado é responsável por arrecadar três impostos: o ICMS, o Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores (IPVA) e o Imposto sobre Transmissão Causa Mortis e Doação de Quaisquer Bens ou Direitos (ITCD). Desses, se destaca o ICMS que, segundo ele, corresponde a 95% das receitas paraibanas.

Infectologista narra rotina em hospital na pandemia

Médica do Trauma de Campina Grande fala sobre trabalho, pesquisas, estresse e separação da família

Márcia Dementshuk
Especial para A União

Era noite de quinta-feira, (17) quando enviei uma pergunta pelo Whatsapp para a médica infectologista Priscilla Sá, presidente do Serviço de

Controle de Infecção Hospitalar do Hospital de Emergência e Trauma Dom Luiz Gonzaga Fernandes em Campina Grande. Minha intenção era atualizar informações sobre a epidemia de covid-19 na Paraíba, uma vez que ela é representante da

Paraíba no Comitê Científico de Combate ao Coronavírus do Consórcio Nordeste. O comitê publicou no site o Boletim 11 nesta quinta-feira com as recentes avaliações da pandemia nos estados do Nordeste e destacou "princípios que podem nortear

um planejamento rigoroso e cauteloso para a volta progressiva e escalonada às aulas com segurança e com o menor risco possível".

Eu tive a oportunidade de entrevistá-la em outros momentos mas, dessa vez, as res-

postas da médica Priscilla Sá revelaram um impressionante histórico dos meses de pandemia dentro do Hospital de Trauma de Campina Grande e em sua própria vida. A pergunta: "Eu gostaria de saber se a senhora poderia dar um pa-

recer sobre o atual estágio da epidemia de covid-19 no hospital onde a senhora trabalha. O trabalho diminuiu? Aumentou? Está mais alto do que esteve em agosto de 2019?"

O depoimento foi dado por áudio, transcritos abaixo:

■Estratégia inicial para atendimento a pacientes com covid-19 no hospital

"No Hospital de Trauma de Campina Grande foram abertos 60 leitos para [atender pacientes com] covid-19. Nós éramos um hospital retaguarda. Caso o Hospital Pedro I lotasse, nós assumiríamos. Eram 30 leitos de enfermaria e 30 de UTI. O trabalho foi enorme desde o início. Quando nós sabemos que o Hospital de Trauma, que não tem perfil de [atendimento a doenças infecciosas, teria duas alas grandes para a covid, nós precisamos tomar muitas e muitas providências.

A primeira delas foi dividir o hospital ao meio e mudar a estrutura física, porque, desde o início, nós precisávamos proteger, acima de tudo os nossos profissionais. Estudamos a planta arquitetônica, chamamos engenheiros, mudamos os locais de entrada e saída dos funcionários que iriam trabalhar na (sic) covid; foi feita uma emergência só para covid. E eu, que era a única infectologista do hospital, precisei de uma equipe. Foi formada uma equipe com quatro infectologistas - somos em cinco - e tivemos um trabalho imenso para estudar e elaborar os nossos protocolos: eles foram modificados e aperfeiçoados ao longo dos meses; e nós passamos a receber os pacientes."

■O Trauma-CG chegou a 90% de ocupação dos leitos para covid-19.

"Os primeiros pacientes chegaram, num ritmo ainda tranquilo, mas, no nosso pico, tivemos 90% de ocupação dos leitos covid e tinha dias que internávamos 17, 20 pacientes de uma vez. O trabalho foi imenso porque eu, como infectologista, dava suporte à equipe-covid (sic), nós fazíamos visitas multidisciplinares diárias - a equipe fazia duas vezes ao dia, sempre com a presença de uma infectologista - e nós montamos um serviço de atendimento ao funcionário com sintoma respiratório. Chegamos a atender mais de 50 funcionários por dia, com sintomas respiratórios. E cada funcionário desse retornou, pelo menos, uma vez para seguimento. Foi oferecida testagem, com exame padrão ouro - o RT-PCR.

Trabalhamos em conjunto em duas frentes. Primeiro, para salvar o maior número de pacientes possível. O último número que tenho com relação à taxa de letalidade é que salvávamos sete pacientes a cada dez internados. Recebemos muitos pacientes já em estado crítico, quando já não havia muita coisa a ser feita.

A outra frente foi não perder nenhum funcionário. Foram muitos funcionários que tiveram a doença - não quer dizer que eles pegaram dentro do hospital, alguns, sim, mas nosso objetivo era evitar que espalhasse o vírus dentro do hospital, então, eles foram isolados e mandados para casa muito cedo, mesmo com sintomas leves, até recebermos o resultado do teste e, estando negativo, eles voltavam ao trabalho. Tivemos um sucesso absoluto no acompanhamento do profissional de saúde. Uma única funcionária precisou de ventilação mecânica e não tivemos nenhum óbito entre nossos profissionais de saúde."

■Como se deu o treinamento das equipes?

"O Hospital de Emergência e Trauma seguia recebendo pacientes de emergência e trauma com risco de evoluírem para um quadro de infecção, o que exige um trabalho de prevenção; sou presidente do serviço de controle de infecção hos-



Priscilla na linha de frente no combate à covid-19, enquanto companheiro assumiu atividades com as filhas da médica



Fotos: Arquivo pessoal

pitalar e a atenção é necessária para todo o hospital. Na ala covid, há pacientes que evoluem para uma infecção hospitalar causando um desfecho negativo.

Houve semanas em que eu dava treinamento dentro da ala covid - eu repetia os treinamentos, voltando ao básico, porque o controle de infecção hospitalar precisou ser redobrado. Talvez esse tenha sido um dos fatores para a baixa taxa de letalidade dentro da ala covid. Um trabalho grande em várias frentes: aprender a tratar o paciente dentro das evidências científicas, escolher e treinar as pessoas para formar a equipe; o pessoal da higienização tinha que ser extremamente atuante, rápido e eficaz, o enfermeiro, o técnico, o fisioterapeuta, os médicos, os intensivistas, os diaristas, as infectologistas."

■Quando as alas para covid19 foram encerradas?

"Há duas ou três semanas nossas duas alas foram fechadas porque o número de pacientes diminuiu e, com a abertura do Hospital das Clínicas, transferimos os pacientes gradativamente. Fizemos treinamentos no Hospital das Clínicas e esse hospital passou a concentrar pacientes com covid. Com a ala fechada, achei que o trabalho iria diminuir, mas havia muito serviço represado, relatórios, treinamento... E eu continuei atendendo covid. Não há um dia em que eu não atenda covid. Nessa última semana, notamos um aumento importante de funcionários sintomáticos, com problemas respiratórios."

■Disciplina da equipe médica evitou infecção.

"Eu não tive covid e nenhuma de nós, infectologistas, teve covid. A exposição foi muito grande. Na sala em que atendemos os profissionais de saúde nossa exposição é com proteção adequada, máscara cirúrgica o dia inteiro, EPIs de boa qualidade e disciplina. Uma vigia a outra: tocar no olho, pegar no prontuário de um paciente e higienizar."

zar a mão... Se estivermos duas pessoas conversando, estaremos com máscara. Não foi fácil tudo o que a gente viveu."

■Contribuição científica.

"Agora começamos a estudar todos os dados armazenados. Quando começamos a reparar a parte física do Hospital de Trauma e a treinar a equipe, começamos também a nos preparar para produzir cientificamente também. Eu já faço pesquisa com o Nutes, da UEPB, Núcleo de Tecnologia Estratégica em Saúde, e eu idealizei, e tive ajuda das outras infectos, uma plataforma de coleta de dados. E nossa sala de infectologia funciona como um Centro de Estudo de Casos.

Estamos organizando os dados de todos esses pacientes que internamos, de todos os profissionais de saúde que atendemos e vamos dar uma contribuição científica. Já temos projeto aprovado pelo Comitê

de Ética em Pesquisa e vamos mostrar o que fizemos em dados e análises em artigos e publicações."

■A infectologista mulher e mãe.

"Das outras vezes que você pediu entrevista, eu estava exaurida; não foi e não está sendo fácil ser infectologista mulher, mãe de três crianças, em uma pandemia. O infectologista é a especialidade que foi treinada para atuar dentro de uma pandemia. Enquanto estudávamos, nunca achamos que fôssemos viver uma! Agora, como se comportar, sendo uma mãe, eu não fui treinada e não estava preparada para isso. A coisa mais difícil que fiz foi estar ausente; eu não costumava ficar tão ausente de casa e deixar minhas filhas sem a rede de apoio que eu tinha e precisou cumprir o isolamento social: mãe, irmãs, secretária, ex-sogra e vizinha. E a própria escola faz parte dessa rede de apoio. Eu me vi, praticamente, sete dias por semana fora de casa e nenhuma rede de apoio. Por isso eu me rendo em homenagens às mulheres que tiveram companheiros dignos que assumiram um papel que antes era nosso. Graças a Deus eu tive e tenho um companheiro que assumiu tudo. Eu saí e ele assumiu o meu lugar. E eu preciso dizer que a escola também deu, e dá, um grande apoio. Eu via que minhas filhas também estavam tensas; tive momentos em que precisei me isolar e não voltar para casa, por achar que eu estava doente, estar com uma dor de garganta e não ter certeza da minha saúde. Dormi no hospital muitos dias, pois eu tinha medo de transmitir qualquer coisa.

Os primeiros dois meses foram os mais tensos porque eu tinha medo de contaminar minha família. Agora, já sei que a minha disciplina dá resultado, a proteção que uso no trabalho funciona, então, venho para casa mais tranquila. Mas as cicatrizes emocionais de toda essa tensão ficaram, das noites sem sono, preocupação; eu me senti muito responsável por todos os funcionários do hospital, pelas infectologistas da minha equipe, pela minha família, meus pais... Visitei-os duas vezes apenas, até agora. Uma delas, de longe. Vou demorar um tempo para voltar a ser algo parecido com o que eu era antes."

■"Talvez, eu estivesse precisando falar"

"Eu nem lembro mais qual foi o tema de sua pergunta inicial! Comecei a falar e foi saindo, talvez eu estivesse precisando falar. As entrevistas eram com perguntas bem técnicas - uso de máscara, hidroxicloroquina - ninguém nunca me perguntou como eu estava!

Eu vi que o que eu estava vivendo era único, diferente, não sabia se iria sobreviver... Tirei muitas fotos porque, se eu sobrevivesse, queria ter a lembrança do que vivi; se não, eu queria que as minhas meninas tivessem a lembrança de tudo o que passei e como consegui ajudar.

Hoje eu tive que parar tudo, parar covid, treinamento, infecção, para dar atenção à minha filha menor, de 8 anos, que tinha que fazer uma tarefa de artesanato com feijões. Ela queria desenhar um estetoscópio - ela quis me homenagear - mas não conseguimos. Fizemos três andorinhas pousados em um fio; eu terminei querendo fazer essa homenagem para as minhas três meninas!"

Dentro da sala de infectologia, onde atende os profissionais, Priscilla usa face shield produzido e doado pelo NUTES



Um cartão-postal ousado e moderno, mas polêmico

Prestes a ser leiloado, Hotel Tambaú encarou, nos anos 1970, a difícil missão de unir sofisticação urbana e paisagem natural

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Uma estrutura arquitetônica ousada, que parece querer adentrar no oceano e, ao mesmo tempo, integrar o urbano contemporâneo às paisagens naturais da cidade. Erguido sobre um banco de areia à beira mar de uma das praias mais famosas de João Pessoa, na Paraíba, o Hotel Tambaú, por suas singularidades, se tornou um dos principais cartões-postais da cidade, atraindo milhares de turistas do mundo inteiro. A obra inédita, projetada pelo arquiteto Sérgio Bernardes em meados dos anos 60, foi inaugurada na década de 1970, simbolizando, na época, um marco da modernidade.

Naquele período, o país vivia a ditadura civil-militar e os jornais da época não faziam grandes registros de contestações contra o projeto, que era uma importante obra da administração pública estadual, com apoio federal, conforme explicou o arquiteto Fúlvio Teixeira de Barros Pereira, doutor em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP) e professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

O local de construção foi um dos principais obstáculos. “Uma dificuldade inerente à localização do hotel em plena praia foi sua fundação para suportar o esforço da água do mar. É interessante notar que a fundação foi calculada e projetada pela então Escola Politécnica de Campina Grande. O hotel (com projeto iniciado em 1966, a construção em 1968 e a inauguração em 11 de setembro de 1971) se tornou um marco na paisagem da cidade. Inclusive, um marco histórico, ao ser um registro da ocupação da praia de João Pessoa, que até então era local de uso intermitente, sobretudo no veraneio”, relatou.

Sua estrutura se caracteriza pela arquitetura moderna, caracterizada pela valorização da racionalidade técnica e funcionalidade do edifício, que se difundiu no país desde meados dos anos 1940/1950 e do qual outro famoso arquiteto, Oscar Niemeyer, se tornou a

referência nacional mais conhecida. “Para João Pessoa, o hotel representou o esforço oficial de consolidar a ocupação da orla marítima, com um equipamento de grande porte e que se somava a esforços anteriores como a pavimentação das vias de ligação à praia, as Avenidas Epitácio Pessoa e Rui Carneiro”, observou.

Do ponto de vista turístico, segundo ele, o hotel buscava superar a precariedade da então rede hoteleira local, cujos principais hotéis eram Globo e Paraíba Palace, no Centro da cidade. “Não por acaso, a residência do comerciante Adrião Pires chegou a ser utilizada para hospedar presidente da república por falta de local adequado. E, como o hotel oferecia outros serviços além de hospedagem, como cinema, lojas, seus usuários e visitantes não se restringiam aos turistas”, acrescentou.

Projetado em formato circular, o hotel possui um anel interno e um total de 173 apartamentos com vista para o mar ou jardim interno, além de piscinas e área para prática de esportes. Por estar literalmente em cima da praia, os apartamentos superiores transmitem a sensação de estar no meio do oceano ou a bordo de um cruzeiro, com ondas e brisa do mar.

Do ponto de vista econômico, não se deve medir o impacto do Hotel Tambaú apenas pela quantidade de vagas ofertadas ou pela “atualidade” de sua infraestrutura. É o que ensina o arquiteto Fúlvio Pereira. “Diante de seu valor histórico e arquitetônico, é um equipamento singular, que oferece uma experiência muito própria de vivenciar a cidade e sua natureza, inexistente nos demais hotéis locais”, observou.

Além disso, segundo ele, é um empreendimento que não seria mais realizado hoje. “E por ser, juntamente com o Parque Solon de Lucena e o Farol do Cabo Branco, um dos cartões-postais da cidade, não pode ter suas qualidades singulares apagadas, em nome de modernizações inadequadas que apenas uniformizam as soluções arquitetônicas e oferecem espaços sempre iguais aos usuários”, ponderou.

+ Obra teria causado prejuízos ambientais

Se, por um lado, o Hotel Tambaú trouxe benefícios para a Paraíba, especialmente para a capital, atraindo turistas por sua originalidade, favorecendo o comércio e fomentando a economia, por outro, causou problemas com efeitos preocupantes nas praias de Tambaú e Cabo Branco. Quando foi erguido, não havia leis ambientais e, portanto, nenhuma norma foi infringida. “Mas, nos dias atuais, com o rigor salutar da legislação ambiental, evidentemente o hotel não seria construído. Ele realmente alterou por completo a dinâmica da linha de costa na nossa orla”, afirmou o doutor em engenharia civil, Francisco Jácome Sarmento.

Na orla, conforme explicou, a predominância de vento é na direção Sudeste e esses ventos provocam o movimento das ondas. As ondas arrastam areia, material



Foto: Marcus Antonius

Especialista afirma que o Hotel Tambaú, erguido à beira-mar, trouxe efeitos negativos às praias da região

sedimentar, ao longo da linha de costa. Quando o hotel foi construído, começou a impedir que a areia que normalmente transitava de Sul para Norte, já que a direção dos ventos é Sudeste, passasse na direção de Manaíra. A praia ficou deteriorada pela ação do mar e foi necessário depositar pedras em toda a extensão para evitar o processo erosivo. As pedras tornaram quase impossível caminhar pelo local.

Para Jácome, porém, apesar dos problemas causados pela construção em local ambientalmente inadequado, o hotel deve permanecer onde está e ser transformado em um grande centro cultural ou um museu. “Aquilo é uma obra de arte e destruir seria uma agressividade contrária à civilidade. Eu sou contra. O hotel deve continuar porque os malefícios maiores que ele poderia ter causado, já causou”, constatou.

Leilão marcado para outubro

Com quase meio século de existência, o Hotel Tambaú fechou as portas. Inicialmente, o empreendimento era ligado à Rede Tropical de Hotéis, pertencente à Varig e, com a falência da companhia aérea, o hotel também foi afetado, embora mantendo o funcionamento até o início do ano. Porém, durante a pandemia, os serviços foram suspensos. Agora, a construção é objeto de um leilão marcado para o mês de outubro. O trade turístico da Paraíba lamenta a situação, mas mantém a esperança de que o equipamento volte a incrementar o turismo e a economia, oferecendo bons serviços e deixando boas impressões.

“A situação do hotel não tem nada a ver com ele. O hotel passa por essa situação por

conta do conglomerado do qual fazia parte, o Grupo Tropical. A Varig faliu, mas até antes da pandemia o hotel estava funcionando normalmente, inclusive com uma ocupação maravilhosa. É um hotel que, mesmo na baixa estação, tinha em torno de 80%, 70% de ocupação, enquanto os outros hotéis estavam com 60%, 50%”, avaliou a presidente da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), Ruth Avelino.

“Esperamos que seja arrematado por um grupo forte da hotelaria nacional e que dê certo porque é um hotel muito importante para a Paraíba e tem que continuar funcionando como hotel. Não tenho dúvida de que, sendo arrematado, vai funcionar muito bem, vai se reerguer, vai funcionar em sua

plenitude”, afirmou Ruth.

A presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis da Paraíba (ABIH), Manuelina Hardman, disse que está esperançosa e acredita que o leilão pode representar novos investimentos. “Acho que o hotel é um ícone da hotelaria, não só da Paraíba, mas do Brasil. Tem uma arquitetura única e é o cartão-postal de João Pessoa. Vejo com muita tristeza o que aconteceu, mas tenho certeza de que terá novos ares depois do leilão, alguém que queira investir no equipamento. Vai ser de grande importância. Ficamos muito tristes quando vemos qualquer empresa sendo fechada, mas é um hotel cinco estrelas e quando for reaberto vai voltar a movimentar a economia e o turismo”.



Foto: Marcus Antonius



Foto: Marcus Antonius

A unidade hoteleira ficou aberta até o início deste ano, mas depois os serviços foram suspensos por causa da pandemia

CRONOLOGIA

- Em janeiro de 2020 foi anunciada a data do primeiro leilão, marcado para 4 de março, mas foi transferido para 14 de abril com lance inicial de R\$ 131,960 milhões.
- Não houve comprador e na segunda praça, ou fase, a construção foi ofertada por metade do valor, com lance inicial de R\$ 65,980 milhões. Não houve lance oficial.
- Uma outra etapa do leilão se encerrou em 5 de maio, mas também não apareceram interessados.
- A data atual do próximo leilão é 15 de outubro, com lance inicial de R\$ 131,960 milhões.
- Se não houver interessados e quando for reaberto vai voltar a movimentar a economia e o turismo”.
- A autorização para venda do prédio foi da 4ª Vara Empresarial da Comarca da Capital do Rio de Janeiro. É lá que tramita o processo de falência contra a Varig, empresa proprietária da Rede Tropical de Hotéis.

Fonte: De Paula Leilões

Itamar Cândido

Gestor arrojado à frente do Jornal A União

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@uapj@gmail.com

José Itamar da Rocha Cândido era um jornalista com jeito para empresário e administrador. Seus biógrafos e amigos o consideravam arrojado administrativamente e mais ainda como jornalista. Afinal, apesar de ter ocupado cargos estratégicos em empresas públicas e particulares ao longo de sua carreira profissional, era um autêntico piolho de redação, de onde só saía quando a edição fechava. Gostava de usar o cabelo repartido de banda, às vezes ostentava bigode e cavanhaque “desenhados”. Raramente era visto usando paletó e gravata, embora se vestisse bem. Geralmente, preferia camisas de mangas compridas.

Ele acreditava que, para um jornal ou rádio ser aceitável diante do público, era preciso conquistar segmentos. O jornalista Geovaldo de Carvalho, diretor técnico do Jornal A União nas duas gestões de Itamar, considera que o maior legado do amigo ao jornalismo paraibano foi reerguer esse diário.

“Itamar recebeu A União, no primeiro governo de Ronaldo Cunha Lima (1991-1994), afogada em problemas financeiros e ele conseguiu sanar tudo, pondo a folha em dia e melhorando as condições de trabalho nos setores”, frisa Geovaldo. “Só o ato de almoçar quase diariamente com os subordinados, consumindo o mesmo cardápio, já englobava um grande feito de democracia administrativa. Na primeira vez que foi superintendente de A União, Itamar contratou Castelhino, na época um dos melhores colunistas jornalísticos do país. Depois implantou a gratuidade no restaurante da empresa. Restaurou o setor de arte e alguns computadores, além de adquirir outros novos”, acrescenta.

Todos que conheceram Itamar de perto viam nele uma pessoa de dinâmica, aplicada, sempre de olho no jornal, sem interferir, com arrogância, nas páginas especializadas, especialmente no Correio das Artes, até hoje considerado o “olho” cultural do jornal A União. Ele também foi superintendente da Rádio Tabajara, além de repórter, redator e superintendente do Diário da Borborema, com boa aceitação nas áreas

polarizadas por Campina Grande. Sua amizade com os ex-governadores Ronaldo Cunha Lima e Cássio Cunha Lima, era considerada “de casa”. Itamar trabalhou com ambos na Prefeitura de Campina Grande, em suas gestões como prefeitos da cidade. Ele se incluía entre os poucos assessores que tratavam Ronaldo e Cássio sem observar a norma protocolar.

Ética e confiança

“Não posso chamá-lo amigo, pois seria muita intimidade. Mas, como jornalista e administrador, ele se revelou de boa tẽmpora e com muita ẽtica, por nã interferir nas matẽrias que eu fazia no Correio das Artes”, lembra o jornalista Astier Basílio, hoje morando em Moscou, capital da Rũssia.

“Itamar tinha grande amor por Campina Grande, daí sua animosidade simbólica em torno da cidade que o acolheu. Diretor de rádio ou jornal, ele procurava destacar a importância que merecia a Rainha da Borborema”, completa.

De acordo com Basílio, Itamar delegava poderes a seus subordinados, principalmente, aos jornalistas, mantendo o respeito editorial pelo que faziam. “Uma de suas marcas administrativas era a de suprir as necessidades operacionais das empresas que chegou a dirigir. Depois, sem exaltação, ia checar de perto como as coisas iam andando”, recorda. A preocupação de Itamar nas empresas que administrava estava sempre presente no dia a dia e englobava a vistoria nos cartões de ponto. Quem faltasse sem justificativa sãria ou atestado médico, era alertado para isso não se repetir.

O jornalista Josélio Carneiro, autor de vários livros sobre os ẽrgãos oficiais de comunicaçãõ na Paraíba, escreveu uma mensagem nos jornais no dia da morte de Itamar: um trecho afirmava que “ele tinha como marca registrada a competẽncia para gerir empresas pũblicas”. Segundo Carneiro, Itamar sanou as finanças da Rádio Tabajara e da União, em ẽpocas dificeis. No primeiro, depois de colocar em funcionamento a grãfica e a circulaçãõ, adquiriu um grande estoque de bobinas e ainda amealhou R\$ 5 milhões em caixa.

Ele acreditava que, para um jornal ou rádio ser aceitável diante do público, era preciso conquistar segmentos



Foto: Arquivo do Jornal A União

Uma das marcas registradas do jornalista Itamar Cândido era a competẽncia ao gerir empresas pũblicas, ao sanar suas finanças

Zelo redobrado pelos assuntos da terra natal

Jornalisticamente apaixonado por Cuitẽ, sua terra natal, divulgou-a ao extremo: fosse histõria, folclore ou polĩtica, Itamar se ligava. Quando se tratava, entãõ, de obras e ações governamentais, o zelo na publicaçãõ era redobrado. “Oh Hilton tu sabes que Cuitẽ e arredores estã na ẽrea da tua sucursal, em Guarabira, nãõ sabes? Entãõ, estou esperando a matẽria sobre a encenaçãõ da Paixãõ de Cristo, porque a Semana Santa vem ai!”. La ia este repõrter de moto, ou jipi-nho Buggy, cobrir os 135 quilõmetros de distãncia entre Guarabira e Cuitẽ para atender à pauta do patrãõ.

Certa vez Itamar deixou recado com o motorista Aleilton que passasse em Guarabira pegasse o repõrter, que hoje escreve esta presente matẽria, e o conduziisse para a sua fazenda, em Cuitẽ. O repõrter encontrou Itamar de bermudas e muito entusiastado com a pauta que iria confiar. “Hilton, vocẽ vai fazer uma matẽria sobre o bode bagual, aqui perto, no municĩpio de Sossego. E traga-me aqui esta matẽria antes de mandar publica-la”. A reportagem, ao se dirigir para a tal fazenda do bode, encontrou um cenãrio country: jipes, carros, barracas armadas, fogueiras e muita mũsica. Era gente de todo o Brasil atrãõs do bode bagual.

Na ẽpoca, a reportagem procurou o coordenador do evento e pegou as informações curiosas. A fazenda de Sossego era um paraĩso de bodes



Foto: Arquivo do Jornal A União

Itamar buscava um tratamento especial na divulgaçãõ de ações e obras governamentais importantes

fujões, que se tornavam baguais, selvagens, arredios, arrojados e se enfurnavam nas caatingas de juremas. Eles sãõ se aproximavam da ẽrea habitada da fazenda quando perseguĩam alguma fẽmea no cio ou necessitavam de comida. O proprietãrio, um cidadãõ residente em Areia, nãõ aguentou a proliferaçãõ desses animais em suas terras, pois estavam destruindo todo, atẽ umas mudas de umbu e juã, frutas que se encontram em extĩnçãõ.

A partir daí, Itamar teve a ideia de criar o evento da caça ao bode bagual,

que era abatido a tiros, depois que o concorrente pagava a inscriçãõ. Havia um prẽmio para quem mais abatesse bodes baguais. A carne teria de ser doada para uma instituiçãõ filantropica. E nãõ podia se matar fẽmeas prenhes, nem com filhotes. Era um esporte para ricos, que terminou se acabando. Itamar tinha uma espingarda calibre 20 milĩmetros. Ele participou da caça. Depois, o Jornal A Uniãõ publicou tudo no caderno Nego, escrito por este repõrter, que diariamente apresentava uma matẽria curiosa.

ANOTE

■ O jornalista Itamar Cândido nasceu em Cuitẽ no Vale do Curimatã, na Paraíba, em 29 de maio de 1953. Morreu no Hospital da Unimed, em João Pessoa, em 8 de fevereiro de 2011, aos 58 anos

de idade. A equipe mẽdica que o assistiu, coordenada pelo mẽdico Cássio Virgilio, informou que a causa da morte foi provocada por uma pancreatite hemorrãgica. Era casado com a mẽdica ẽngela Furtado, de familia tradicional paraibana, com quem teve dois filhos.

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Lição essencial: cave et aude

Estou cansada do jornalismo declaratõrio! Do jornalismo que escuta as fontes, mas nãõ observa gestõs, nãõ escuta os silẽncios. Sim, a ausẽncia tambẽm fala. Muitas vezes, mais do que imaginamos. O mimetismo informativo impera em sites e blogs: um imita o outro. Falta autenticidade e hã notĩcias, imagens e intẽnções repetidas. Erros tambẽm.

Sobram açõdamento (termo muito usado por um antigo chefe) e vontade excessiva de bombar: em acessos, curtidas, compartilhamentos. Muitas vezes, admito, fico com vergonha do que vejo por ai. E penso que precisamos resgatar algumas prãticas, atentar a lições essenciais. Quiçã em latim: Cave et aude. Observa e escuta.

Como jornalistas, precisamos ouvir todos os lados de uma matẽria, claro. Mas devemos ir alẽm das declarações, do que se quer dizer, do que se pretende passar como real — sem sã-lo. Cave et aude. Observar ẽ essencial: cenãrios, contextos, atitudes, propõsitos. Nas redes sociais, circula uma

frase atribuída ao professor de jornalismo Jonathan Foster, que escuta as fontes, mas nãõ observa gestõs, nãõ escuta os silẽncios. Sim, a ausẽncia tambẽm fala. Muitas vezes, admito, fico com vergonha do que vejo por ai. E penso que precisamos resgatar algumas prãticas, atentar a lições essenciais. Quiçã em latim: Cave et aude. Observa e escuta.

Como jornalistas, precisamos ouvir todos os lados de uma matẽria, claro. Mas devemos ir alẽm das declarações, do que se quer dizer, do que se pretende passar como real — sem sã-lo. Cave et aude. Observar ẽ essencial: cenãrios, contextos, atitudes, propõsitos. Nas redes sociais, circula uma



Foto: Mohamed Hassan/Fixabay

desonesto tratar fontes tãõ dũspares como detentoras de opiniões igualmente vãlidas.

O tema do “doisladismo” no jornalismo foi tratado, recentemente, na newsletter do Objethos — o Observatõrio da ẽtica Jornalística. “O trabalho jornalístico nãõ se limita a abrir o microfone para qualquer voz; ẽ responsabilidade profissional triar e buscar as vozes mais contributivas com a compreensãõ desses temas. O

mundo ẽ mais complicado que o esquema sim ou nãõ”.

Cave et aude. Precisamos observar melhor nossas prãticas, seja em redações, seja em assessorias de comunicaçãõ. Que tipo de contẽdo estou produzindo? O que eu faço como profissional contribui para a comunidade? A forma como abordo determinado tema facilita o entendimento de temas complexos ou sãõ contribui para gerar mais confusãõ? Ao responder essas perguntas, observe o que faz sentido para vocẽ. Escute tambẽm seu coraçãõ.

(***)

* Cave et aude era o lema da Familia Darwin.

* Doris Schmidt foi editora de um grande jornal regional em Massachusetts (EUA) durante 14 anos. Tambẽm atuou por 17 anos como professora de jornalismo na Fitchburg State University. Atualmente, ẽ voluntãria da Alliance for a Better Utah, uma associaçãõ sem fins lucrativos.

* Objethos ẽ uma realizaçãõ do Departamento de Jornalismo e do Programa de Põs-Graduaçãõ em Jornalismo (Posjor) da Universidade Federal de Santa Catarina.

Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

Carmen Costa – Eu sou a outra

Esse belo samba-cançãõ “Eu sou a outra”, de autoria do compositor e jornalista Ricardo Galeo, retrata com fidelidade as relações amorosas de Carmen Costa e seus parceiros musicais, e anos depois a prõpria Carmen assumia. Estas relações amorosas fizeram com que alavancasse sua carreira, no samba-cançãõ “Eu sou a outra” que viria a se tornar o hino das outras mulheres. Gravado nos anos 50 por Carmen Costa, essa excepcional cantora, dona de um repertõrio de altíssima qualidade, que a coloca num panteãõ de diva na mũsica popular brasileira, ẽ uma celebridade musical totalmente esquecida do grande pũblico.

Carmelita Madriaga, Carmen Costa nasceu na Fazenda da Agulha, municĩpio de Sãõ Francisco de Paula (hoje Trajano de Moraes), interior fluminense distante 240 quilõmetros da cidade do Rio de janeiro. Era o ano de 1920, o dia 5 de julho. A mãe Dona Avelina Basilio teve Carmelita e mais seis filhos.

Carmen Costa jã nasceu com a sãndrome da outra. Porque atẽ sua concepçãõ se deu em razãõ da sua genitora ser uma mulher negra, bonita e charmosa ao ponto de enlouquecer e conquistar o coraçãõ de um descendente de espanhõis, que tinha olhos verdes, Theotõnio Josẽ Madriaga (Tonho Madriaga), proprietãrio de uma grande fazenda produtora de cafẽ, no municĩpio de Trajano de Moraes, no Estado do Rio de Janeiro, e que era casado. Porém, assumiu a paternidade e ela foi batizada com o nome de Carmelita Madriaga. Porém, Carmen Costa somente foi apresentada ao pai quando tinha 8 anos de idade.

Menina da roça, Carmelita trouxe as rezas, os benditos e as histõrias de assombraçãõ que enchiam de medo as noites de lua cheia. Recordações da infãncia cuja figura mais forte, sem dũvida, ẽ Dona Avelina Basilio. Dona Avelina era

outra na vida de Tonho Madriaga, homem que teve duas filhas chamadas de Carmelita de duas relações diferentes. Os ũltimos anos de Dona Avelina Basilio foram ao lado da filha numa convivẽncia fraterna. “Minha mãe foi a ũnica pessoa que mostrou luz para mim”, afirmava Carmen Costa, relembrando a infãncia.

Durante a infãncia, Carmelita percorreu por diversas fazendas sempre na condiçãõ de domẽstica. Atẽ que encontrou um casal de pessoas que professavam a religiãõ evangãlica, na qual se cantam muitos hinos e se aprende a cantã-los, por sinal uma escola para iniciar no canto. Cantar nas igrejas evangãlicas nos Estados Unidos tornou uma tradiçãõ, onde grandes cantoras negras tiveram como escola de canto.

Passava o trem levando gente para a cidade grande. A menina Carmelita Madriaga olhava o trem com a certeza de que um dia ia embora. Ela sãõ nãõ imaginava que trocaria de nome, viajaria para lugares mais distantes ouvindo aplausos por cantar os sentimentos do mundo.

1936, ela morava no morro de Santa Rosa), carregando um violãõ debaixo do braço.

Os primeiros contatos de Carmelita com uma estaçãõ de rãdio ocorreram na Rãdio Ipanema onde costumava assistir à orquestra do maestro Napoleãõ Tavares. ẽ ali que, aconselhada por amigas, Carmelita vai bater na Rua Gustavo Sampaio, Leme, onde precisavam de uma domẽstica. O dono da casa era Francisco Alves, o Chico Viola, o “Rei da Voz”. Carmelita, Francisco Alves foi um dos mais populares cantores do Brasil, na primeira metade do sãculo 20, e considerado por muitos o maior cantor do paĩs. A qualidade de seu trabalho lhe rendeu, em 1933, pelo radialista Cãsar Ladeira, a alcunha de “Rei da Voz”.

“Carmen Miranda vem aqui em casa hoje à noite. Vocẽ pode ficar atẽ tarde servindo uns salgadinhos pra gente?” Carmelita se entusiasmava diante dessa pergunta de Chico Alves. Claro que ela queria conhecer Carmen Miranda. E mais: Carmelita ia pedir para cantar. Carmelita passou o dia com dois problemas: escolher uma mũsica do repertõrio de Carmen Miranda e tomar coragem para pedir a oportunidade de cantar para o patrãõ e sua ilustre convidada.

“Seu Chico... Dona Carmen... Eu posso cantar? Essa foi a ũnica frase pronunciada por Carmelita depois de tomar toda a coragem do mundo. Os dois artistas riram muito. “Se vocẽ pode cantar... pode cantar”, falou Chico Alves. Aplausos. Carmelita cantou “Camisa listrada” do compositor Assis Valente. Participou do coro da “Pequena Notãvel” em diversas gravações, experiẽcia fundamental em sua carreira.

Quando se apresentava no Clube Aliança, Carmelita foi abordada por um homem que lhe prometia ajuda para alcançar o profissionalismo. “Vocẽ precisa se arrumar... melhorar sua aparẽncia... Nãõ pode se apresentar com um sapato tãõ feio...” O homem enumerou uma sãrie de providẽncias que precisavam ser tomadas para transformar Carmelita numa artista.

“Moço, eu aceito... agora, o senhor tem que falar com minha mãe porque eu sou solteira.” O homem acompanhou Carmelita atẽ em casa e pediu a Dona Avelina a mãõ da filha em casamento. Esse homem se chamava Henrique Felipe da Costa, o Henrique. Ele foi o primeiro parceiro artĩstico de Carmelita formando dupla no canto e na composiçãõ de mũsicas. Henrique tambẽm foi o primeiro homem na vida de Carmelita. Homem com quem ela dividiu grandes ilusões e ardentes paixões.

Casar mesmo, Henrique nãõ casou. Carmelita vivia esperando o parceiro voltar das inúmeras viagens de negõcios. Esperando Henrique, ela perdeu a oportunidade de formar dupla com Grande Otelo no Teatro Negro que se formava. Perdeu chances nos teatros da Praça Tiradentes. Ela achava que precisava esperar Henrique porque era com ele que alcançaria o sucesso pessoal através do casamento e o profissional através da mũsica. Carmelita morava num quarto, porque nãõ queria dormir sob o mesmo teto que a mãe sem ter casado.

Uma das grandes qualidades de Carmen Costa era a fidelidade ao seu parceiro a qualquer preço, mesmo em detrimento de sua carreira. Armando Silva Araújo, espãcie de empresãrio de Henrique, chamou Carmelita e lhe deu a seguinte incumbẽncia: “Vocẽ vai viajar hoje para Belo Horizonte. Henrique te espera lã”.

Sem maiores explicações, Carmelita embarcou num trem seguindo para a capital mineira. Lã, aconteceu o seguinte: Henrique brigara com Adilia Jordan, sua parceira nos shows do Cassino Montanhãs. Sem ter a quem usar, Henrique resolveu lançar a candidata a cantora com quem vivia. Carmelita Madriaga vestiu um modelo verde-alface emprestado por uma cantora Argentina para fazer o teste no Cassino Montanhãs. O teste foi perfeito e valeu um contrato de 15 mil rẽis por mês.

Henricãõ determinou que a companheira nãõ seria mais Carmelita Madriaga, nome pouco artĩstico. “Vou batizar vocẽ!” A partir de hoje, vocẽ se chama Carmen Costa! No ano de 1939, Carmelita Madriaga virou Carmen Costa.

MARMITANDO

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

Instagram: @walterulysses
 E-mail: chefwalterulysses@hotmail.es

O coração e alma da cozinha



Em meio a tantos afazeres de uma rotina de uma cozinha profissional no seu dia a dia, existem pessoas que estão lá no fundão dando seu coração e sua alma pelos clientes que esperam um prato limpo, um copo, um talher e inúmeros utensílios que passam pelas mãos dos cozinheiros e chefs de um restaurante.

Em minhas consultorias, sempre me reúno com o grupo antes de qualquer trabalho a ser feito para conhecer cada um dos integrantes e parabenizar aqueles que muitas das vezes são esquecidos na lavagem da louça.

Quando falo esquecido, é com plena convicção de que a apenas menos de 10% deles são feitas propostas para mudar de função no ambiente de trabalho, enquanto em fora do Brasil esses profissionais são cada vez mais aproveitados a integrar a fa-

mília da cozinha, pois muitos têm a vontade e espera por uma chance de ser chamado.

Eu posso falar isso, pois eu sou cria de um tanque de lavagem de louça fora do Brasil e hoje sei o quão importante é cada pessoa em um estabelecimento da área de gastronomia. Muitos deles nunca receberam uma proposta, ou uma oferta de um posto melhor.

Por mais que aqui tenha sido chef de cozinha de um restaurante renomado na capital, e com formação em gastronomia, o canudo não terá valor algum se você não superar as dificuldades e ser humilde perante seus companheiros maiores. Hoje, mais que nunca, o maior aprendizado que passei na minha vida foi lavando a louça em um restaurante de estrela Michelin para um dia poder ter a oportunidade de ser chamado a assumir um local à beira do fogão e mostrar o que qualquer pessoa que tem sua profissão de cozinheiro sabe fazer.

Muito se fala da cozinha moderna, mas o básico da cozinha não muda, pois sempre será uma produção em equipe com a qual uma pessoa vai sempre depender da outra. E esse trabalho é fundamental para se manter o equilíbrio e o conforto em um ambiente de trabalho que muitas vezes passa fácil dos quarenta graus.

Para ser um chef de cozinha é preciso conhecer o coração dela, além de dar oportunidades para novos aprendizes, saber que seus segredos de cozinha nunca serão guardados, pois temos que passar o ensinamento para todos. Principalmente, saber quem são as pessoas e conhecê-las realmente cada uma delas, e sempre que puder dar uma oportunidade e descobrir o talento daquele que queira mostrar o que quer fazer e tem um sonho a realizar. Por trás de um tanque de lavar pratos pode estar um chef de cozinha ao qual nunca deram oportunidade.

Ser chef é fácil, quero ver você fazer tudo sozinho!

QUENTINHAS

- Barra de Camaratuba é uma praia no nosso Litoral Norte, com uma beleza bem especial de um encontro do rio com o mar. Além de ter uma gastronomia variada e com um preço bem em conta na realidade – popularmente falando – em barracas à beira-mar e à beira do rio, vale muito a pena visitar o local.

- E falando em Barra de Camaratuba, há menos de um ano foi inaugurada uma pousada chamada Manga Azul, local agradável bem familiar, cozinha maravilhosa e simples, de um café da manhã delicioso. Até pizza à moda italiana tem nessa primeira refeição do dia. E eu não poderia deixar de falar do jantar com a ceia nordestina, com um cusuz delicioso, e da sopa de feijão. Seu Instagram é o @pousadamangaazul; contato: (83) 99154-5947. E na minha visita na Pousada Manga Azul, deixei um prato assinado por mim. É um arroz cremoso de camarão e peixe, com raspa de limão e especiarias. Aproveita quando for lá para pedir esse prato que ficou muito delicioso.

- No Bairro dos Estados, tem um local a la boteco da terrinha chamado Espetinho do Negro, que é coisa de louco, mas louco que gosta de comida boa. Tem um escondidinho de carne de sol, um rubacão delicioso, além de várias variedades de espetinho de você começar a comer com os olhos e o pão de alho com carne de sol dentro! Não vou nem falar mais, confere o Instagram @espetinhodonego e pede no contato (83) 98191-0690.



PITADAS A GOSTO

O Arroz à Piemontese é um prato típico da culinária brasileira. Ele não tem nada com a culinária do Piemonte, na Itália. Existe feito de várias maneiras, mas sua base básica é de arroz, creme de leite e champignon, parmesão e um leve toque de vinho branco.

Com a dificuldade de encontrar e o valor de compra nos anos 90 o arroz arbório para executar o risotto, os chefs brasileiros buscaram alternativas, com o creme de leite, fazendo assim um arroz “à moda piemontesa” apenas o velho truque da cozinha brasileira. A respeito de sua origem, é um acompanhamento geralmente servido em restaurantes de cozinha italiana, ou a famosa mística cozinha internacional, acompanhando geralmente um típico filé (preferencialmente filé mignon com molho madeira), juntamente com purê de batata ou batata salte.

PRATO DO DIA

Filé a redução de vinho tinto

Ingredientes

- 1 peça de mignon de aproximadamente 1kg
- 4 dentes de alho
- 3 galhos de alecrim
- 500ml de vinho tinto seco

- 200g de manteiga sem sal em cubos de 50g
- Sal e pimenta-do-reino a gosto
- 1 colher de sopa de açúcar
- 1 colher de sopa de amido de milho

Modo de preparo

Carne:

Limpe a peça de carne de filé mignon bovino e corte do centro para as pontas para obter o melhor formato de medalhão, com pedaços de aproximadamente quatro dedos de altura. Tempere cada lado dos medalhões com sal e pimenta-do-reino a gosto. Aqueça uma panela de fundo grosso de preferência, adicione um cubo de 50 gramas de manteiga, dois dentes de alho apenas amassado e dois galhos de alecrim fresco e coloque os medalhões de três em três. Deixe grelhar por exatos quatro minutos de cada lado, ou ao seu ponto específico. Após isso, reserve em um recipiente que possa ir ao forno. Quando estiver com os seis no recipiente, leve ao forno pré-aquecido a 180° graus centígrados por quatro minutos.

Molho:

Na mesma panela que você grelhou os medalhões, substitua o alho e o alecrim já utilizados pela mesma quantidade usada para grelhar. Adicione o vinho tinto e deixe ferver até reduzir e pegar uma consistência de calda. Para ajudar, você pode utilizar uma colher (chá) de amido de milho dissolvido em água morna (mas adicione apenas após perder o gosto de álcool). Acrescente uma colher (chá) de açúcar, uma pitada de sal e observe a acidez ideal do molho. Após a consistência ideal, apague o fogo, monte seu prato de forma bem apresentável e aproveite a explosão de sabor!

Sirva em seguida, acompanhado com um arroz piemontese com grãos de mostarda e toque de mix de pimenta do reino colorida, assim como a fotografia.

PODER E INTERESSES

Espaços públicos imateriais que decidem a vida da coletividade

Na política, um conjunto de pessoas, com determinada credibilidade ou influência, aponta e decide os rumos que todos devem seguir

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Quando se fala em política, palavra citada costumeiramente no cotidiano de todos, principalmente em ano eleitoral como agora, o cérebro logo associa a palavra ao sentimento de poder, interesse, grupo, comando. Talvez essas conexões não ocorram por acaso, pois esses termos estão inseridos na própria definição e aspectos da política, expressão derivada do grego antigo - "politeia" - referente a todos os procedimentos relativos à pólis, ou cidade-estado grega. A pólis, segundo Matheus Silveira Guimarães, doutorando em História, formado em Relações Internacionais e professor substituto da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), significava um espaço público onde as decisões eram definidas coletivamente.

Eram nessas relações sociais que, desde outrora, se trilhavam coletivamente o caminho que uma sociedade deveria seguir. Ou seja, um conjunto de pessoas, com determinada credibilidade ou influência no meio em que vivia, discutia e apontava os rumos que os demais deveriam seguir.

Ao longo do tempo, as formas de organização política variaram conforme o local ou época histórica. Permanecendo, porém, até os dias atuais, a ideia de política enquanto construção social, de relações sociais e de como um grupo, coletivamente, norteia o futuro de uma determinada sociedade, ou seja, do povo.

Considerando essa ligação entre a política e os interesses de um agrupamento de pessoas, como saber a quais prioridades e necessidades se está discutindo, trabalhando ou legislando? Aos interesses da maioria (da população)? Ou apenas aos interesses do círculo seleto, aquele que tem o poder da "canetada" ou que está inserido diretamente nas discussões? Com isso, surge mais uma indagação. Qual a verdadeira utilidade ou função da política no meio social?

O cientista político, doutor em Sociologia e professor João Morais de Sousa prefere pensar a política na sua essência aristotélica, de uma busca permanente pela felicidade humana e pelo bem-estar social. E que precisa ser cultivada e disputada na esfera pública cotidianamente. Mas, ao longo do tempo, essa essência da política sofreu percalços, no sentido de que uns poucos, utilizando-se dos mecanismos de controle social, atribuem para si essa missão.

"Fazendo crer aos demais que são os mais preparados, divinizados, iluminados para pensarem e agirem em nome dos demais. Assim, deturpam a natureza da construção coletiva da política, para impor seus interesses privados em nome da coletividade", acrescentou Morais. Infelizmente, é dentro deste cenário que vimos, muitas vezes, o atual exercício da política.

Citando o pensador alemão Marx Weber; João Morais afirma que o "poder", nesse sentido, refere-se a essa "capacidade de uma pessoa ou de um grupo de pessoas de impor sua vontade a outros". Por isso, precisa ser vigiado, fiscalizado e controlado cotidianamente para que, por exemplo, no exercício de mandatos públicos, sirvam à coletividade, ao invés de serem servidos. Essa vigilância é relevante

também para a própria manutenção da democracia. "E para que todas as demandas sociais possam ser consideradas e os vários segmentos sociais possam se manifestar com liberdade".

“Fazendo crer aos demais que são os mais preparados, divinizados, iluminados para pensarem e agirem em nome dos demais (...) deturpam a natureza da construção coletiva da política, para impor seus interesses privados”

João Morais



Foto: Divulgação

“Para que os interesses do povo, da maioria da população, sejam defendidos e colocados em prática, é necessária uma ação política da população organizada, em espaços como sindicatos, partidos, entidades estudantis etc.”

Matheus Guimarães



Foto: Divulgação

Sistemas autoritários tolhem a participação popular na política

Se a política é essencial para a sociedade, é preciso saber conduzi-la em prol da maioria. "O que há de se destacar é que, para que os interesses do povo, da maioria da população, sejam defendidos e colocados em prática, é necessária uma ação política da população organizada, em espaços como sindicatos, partidos, entidades estudantis etc.", frisou o professor Matheus Silveira Guimarães.

E nesse contexto, o preparo, o conhecimento e a mobilização popular devem entrar em cena com protagonismo, o que nem sempre se vê no Brasil. O que é lamentável, uma vez que a politização de um povo e seu engajamento na política de uma nação, estado ou cidade, são fundamentais na garantia de direitos e bem-estar social.

O professor Guimarães ressalta que a política exercida em um determinado país tem a ver com as escolhas que o povo faz de seus governantes. Essa realidade é comprovada na própria história. Quando se estuda as relações políticas do passado e se conhece os governantes, isso diz muito sobre como a sociedade se organizava e como ocorriam as relações políticas daquela época.

"É importante pensar, porém, como se davam as escolhas dos governantes. Para dar alguns exemplos, em determinados momentos, as eleições no Brasil eram constantemente fraudadas e os governantes eram escolhidos a partir de um forte jogo de disputa entre as elites - eram os chamados coronéis", afirmou.

"Em outros, os governantes não foram escolhidos pelo povo, como no período em que o Brasil teve imperador, ou durante a ditadura. Infelizmente, em nossa história, muitas vezes o povo foi impedido de fazer escolhas de seus governantes. Essas experiências do Brasil mostram que, em vários momentos, nossos governantes foram eleitos a partir de decisões e ações políticas de pequenos grupos, excluindo a maioria da população. Muitas vezes, até de forma violenta", lamentou Matheus Guimarães.

Apesar das ações antidemocráticas e repressivas, o povo pode colaborar e aperfeiçoar a política a qual estão submetidos. Para o professor, só há uma forma para que essa realidade seja possível: a partir das organizações coletivas, que possibilita a atuação e defesa das necessidades da sociedade. Ele ressalta que "fortalecer a democracia e a participação popular é a melhor alternativa para que política seja um espaço ocupado pela maioria, e que esses interesses da maior parte da população sejam defendidos".



Foto: Pixabay

POLÍTICA E PODER

Ideias e propostas vencedoras são aquelas defendidas por quem tem maior poder de influenciar, argumentar e decidir

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Se há um elemento que está intrinsecamente ligado às ações políticas é o poder, uma vez que, nessa prática, as ideias e propostas vencedoras são aquelas defendidas por quem tem maior poder de influenciar, argumentar e decidir. Já o conceito de poder é bastante complexo.

O professor substituto da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e doutorando em História Matheus Silveira Guimarães explica o termo com base no sociólogo alemão Max Weber: "Poder significa a forma como uma pessoa ou

um grupo sobrepõe sua vontade sobre o outro. Essa relação pode se expressar de várias formas: econômicas, simbólicas, às vezes, até na força física e violência".

Ele afirma que nesse universo há um misto de disputa, de conflito e de contradição. E, ao longo do tempo, esse "jogo" da política e do poder se constrói historicamente.

Como analisar as características desse elemento que faz parte da própria configuração da política? No decorrer dos séculos, o poder foi ganhando o interesse de estudiosos, sendo representado principalmente por duas vertentes: a política de Aristóteles e o Jusnaturalismo, de Thomas Hobbes.

No modelo clássico, o do filósofo grego Aristóteles, a família origina o primeiro núcleo social, portanto, o Estado é a continuação ou evolução natural da família, que tenta sanar as necessidades de seus membros. A finalidade da política, por sua vez, é o bem comum.

Nessa visão aristotélica, o cientista político João Morais de Sousa explica que a política é parte inseparável da vida social, repercutindo, assim, na vida privada de cada pessoa. Segundo ele, viver em sociedade significa observar mecanismos de controle social, tais como leis, normas, regras, convenções, tradições e costumes que

podem ser estranhados ou pertencidos à maior parte da sociedade, dependendo da participação dos seus membros, no processo de violência, construção e resignificação de tais mecanismos. "Torná-los justos e pertencidos à sociedade é o grande desafio da política".

O modelo de Aristóteles esteve vigente até a época medieval. Foi a partir de então que o teórico político e filósofo inglês Thomas Hobbes apresenta o modelo Jusnaturalista. Nele, a política divide-se entre o homem puro (natural) e o aspecto civil, sendo a política, algo introduzido na vida do indivíduo, e não pertencente à sua natureza humana.

A Teoria Hobbessiana diz ainda que o homem pré-social (natural) traz consigo elementos instintivos como a competição (que gera violência); a desconfiança (que traz defesa) e a ânsia de glória (que causa desprezo) e que ao ser inserido no ambiente politizado (que busca garantir os anseios da coletividade) surge nele uma série de conflitos. Então, enquanto Aristóteles defende que o ser humano é um animal político e que naturalmente segue a vida em sociedade conforme sua natureza, para Thomas Hobbes o indivíduo vive o eterno dilema entre seus instintos e o estado civil. E para buscar o equilíbrio dentro do estado, renuncia seus aspectos naturais.

Falta de engajamento popular dá espaço ao individualismo

No Brasil, a ideia de política exercida para garantir a igualdade de condições e de direitos como reza a Constituição Federal já está, para muitos, desacreditada. Também, não é para menos.

Não são poucos os escândalos de corrupção, desvio de dinheiro público e outras condutas que partem de uma parcela dos políticos.

De acordo com o doutor em Sociologia, cientista político e professor João Morais de Sousa, vive-se um processo crescente de desconstrução da política.

De negar sua importância para o bem-estar da sociedade. "Essa despolitização tem contribuído para aumentar o descrédito na participação, nos processos políticos eleitorais e na confiança aos políticos", completou.

O professor lembra que há no cenário político nacional quem se comporta como emissário da moral e da ética.

"Alguns até dizem que são bons, honestos e escolhidos por Deus. Que fazem

e acontecem. Diante desses, é aconselhável a dúvida metódica do pensador francês René Descartes. Duvidem sempre! Observem suas ações e atitudes. Não será difícil verificar que quase sempre agirão em descompasso com o discurso", alertou.

Morais observa que as falas e discursos contrários à política e aos políticos têm levado o país a uma despolitização da esfera pública. A ausência de participação, segundo ele, contribui para a apatia e o desestímulo da maioria à política, gerando um efeito cascata, pois, "quanto menos pessoas participarem, mais os interesses dos que participam prevalecerão, nem sempre conforme os da maioria, mas de acordo com seus próprios, e com os dos mercados econômico-financeiros".

"Quando não se participa da política, o cidadão está renunciando à democracia e às liberdades. Está renunciando sua condição de cidadão. Passa de sujeito a objeto; de governante a governado; de autônomo a subserviente; perde-se a auto-determinação. Assim, a essência da política vai cedendo espaço para práticas e atitudes individualistas, clientelistas, moralistas, autoritárias, preconceituosas e neofascistas". João Morais alerta que a conjuntura política nacional

esperança parte da prática da cidadania. Esse engajamento desvenda e aponta os vícios que caracterizam e contaminam a real essência da política. Neste caminho, é importante ressaltar um aspecto da cidadania que é a perspectiva de ter direitos, de conhecê-los, usufruí-los e de participar da construção de novos direitos.

"Lembrando que os principais direitos garantidos na nossa Constituição são direito à vida, à saúde, à educação, à cultura, à igualdade, à dignidade, à expressão, à opinião, à proteção ao trabalho, ao esporte e ao lazer", enfatizou Morais.

Como se construiu o atual modelo político nacional?

O professor Matheus Silveira Guimarães declara que a política que se vê hoje no território nacional se construiu ao longo do tempo. Algumas configurações da atualidade estão atreladas a um antigo processo.

Uma dessas feições, por exemplo, remonta ao período

colonial, à escravidão e ao coronelismo. "Enfim, ao domínio de grupos específicos sobre nossa sociedade". Apesar de alguns cenários apresentarem mudanças, há atitudes que se eternizam, ou seja, a lógica, o sentido continuam, praticamente, os mesmos.

Guimarães explica que, para

permanecerem na posição de dominância, existem grupos que constroem formas e mecanismos, como, por exemplo, relações familiares que se perpetuam no tempo. "É muito comum na política brasileira ter grupos familiares que estão no poder há décadas. Tais grupos das elites, ao defenderem

seus interesses, controlam espaços importantes da política nacional e, por consequência, quase nunca estão preocupadas em defender os interesses gerais, mas sim suas necessidades", destacou.

Em alguns momentos históricos, diz Matheus, consegue-se ter importantes ações políticas em

defesa dos anseios da maioria da população. Essas conquistas só foram possíveis com a presença da sociedade civil organizada. "Isso só ocorreu, porém, com a ação política de grupos, como o de trabalhadores e trabalhadoras, movimento negro e movimento feminista".

Sem política, só restariam guerra e barbárie



Laura Luna

lauraragao@gmail.com

Para falar sobre política é primordial se desfazer ou pelo menos se esforçar no intuito de desprender-se de estereótipos que ao longo do tempo a sociedade incutiu. Sentimentos como desinteresse e até aversão que os maus gestores ajudam a construir todos os dias e que transformaram o Brasil em um país onde a política partidária é vista com maus olhos.

É comum que, ao ouvir a palavra política, venha à mente questões partidárias, disputas e embates ideológicos, mas resumir a política ao partidarismo seria diminuir-la, uma vez que ela é praticada em todos os âmbitos da existência.

Acredita-se que o próprio desinteresse da grande maioria aliamente o que se vive no país hoje: quando uma parcela considerável de políticos descompromissados com o povo se mostra preocupada, e empenhada, em gerir seus próprios interesses.

Mas não foi essa a intenção inicial. Na perspectiva do filósofo grego Aristóteles, a política teria como objetivo principal a felicidade humana, individual e coletiva. Mas a impressão é que essas diretrizes iniciais foram se perdendo ao longo do tempo, conforme interesses e necessidades de cada sociedade. Relações de poder e opressão que desvirtuaram a gênese dessa ciência e distanciaram o discurso da prática.

Mas há de se reforçar que a política não é apenas a praticada por partidos e representantes escolhidos nas urnas, no caso da democracia. Para Lúcio Flávio, professor de História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), não há como pensar a vida em sociedade sem que exista uma organização e é a política a responsável por essa estrutura. "Impossível vivermos fora da política. Seria a guerra e a barbárie. Quando a ação política termina, se iniciam os conflitos". O professor faz referência, inclusive, à estrutura cotidiana, às práticas do dia a dia exercidas em todas as esferas da vida, do acordar ao dormir, seja em casa, no trabalho, no clube ou na igreja.

"Nós fazemos política constantemente. É impossível pensar em qualquer forma de organização social que não tenha por base

as relações de poder e as relações políticas estabelecidas. O preço do pão, do remédio, a vida e a morte dependem dessa prática, é só ver o que está acontecendo agora na pandemia", sugere.

O jornalista, professor, escritor e sociólogo Marcus Alves acrescenta afirmando "ser impossível escapar do tema" presente em todas as esferas. "Mesmo os que dizem não gostar e se alienam dos processos políticos já estão exercitando a política de virar às costas". Para o professor universitário, "a solução dos nossos problemas passa necessariamente pela política". "Quando digo que a solução passa pela política é no sentido de afirmar que será no espaço da política que as crises serão mediadas e superadas. Fora da política só resta a desilusão e a violência em alguns casos".

“Impossível vivermos fora da política. Seria a guerra e a barbárie. Quando a ação política termina, se iniciam os conflitos”

Lúcio Flávio



Foto: Arquivo Pessoal

+ Vendendo sonhos e entregando pesadelos

Para compreender como é presente, basta pensar nas sociedades indígenas, por exemplo, onde a ausência de partidos e bandeiras não exige o povo das escolhas e lutas por interesses. Há política, naturalmente que de forma diferenciada da estabelecida no mundo ocidental. "Eles têm hierarquia e forma de poder. Há os escolhidos por força, coragem e capacidade de liderança; há acordo e aliados fora das tribos e faz-se política tanto de guerra quanto de paz", comenta o professor Lúcio Flávio.

Necessária e usada para manter a ordem e suprir as demandas do povo, inclusive dos menos favorecidos, que são conseqüentemente os mais necessitados. É quando entra em cena a política partidária e, quando se fala sobre o assunto no Brasil, os números são altos. Não há aqui a intenção de detalhar ou trazer comparativos em relação a outros países, é apenas um lembrete de como se investe em política no Brasil, que possui uma das máquinas públicas mais caras do mundo.

São 33 partidos legalizados; quase 58 mil vereadores; mais de 500 deputados; 81 senadores; prefeitos; governadores; presidente; e vices, mas a quantidade não aproxima.

Na opinião do professor Lúcio Flávio, o que acontece hoje no cenário político do país é o retrato perigoso do desinteresse da grande maioria das pessoas, embora a reação seja considerada compreensível.

"Está havendo um distanciamento entre a sociedade e os partidos políticos, que pode ser atribuída à ausência das práticas. Muitos candidatos vendem sonhos e entregam pesadelos", opina o docente. E, de fato, não é difícil se decepcionar, basta lembrar da creche prometida para o bairro, do asfalto que nunca chegou à avenida esburacada, da falta de segurança e saúde. "Há um pensador que diz que aqueles que não gostam de política serão governados por aqueles que gostam de política. Por isso a importância do interesse e da participação, além do voto e da fiscalização".

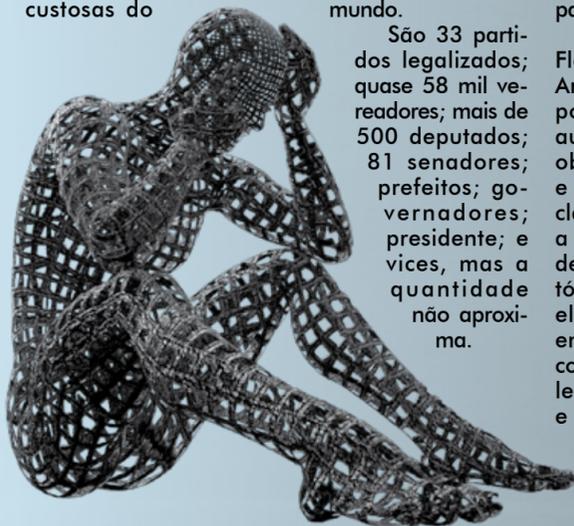
Sobre como é e como deveria ser, Lúcio Flávio faz uma breve comparação entre Aristóteles e outro grande pensador político: Nicolau Maquiavel, o autor de 'O príncipe', uma das obras mais lidas, controversas e debatidas da literatura política clássica. "Ele realmente desnuda a política como ela é e não como deveria ser. Se nós olharmos Aristóteles apresenta a política como ela deveria ser, para governar em busca do bem comum e da coletividade. Já Maquiavel estabelece um realismo sem juízos éticos e religiosos, como sendo a verdade efetiva das coisas. A busca e a conquista do poder", acrescenta Lúcio Flávio.

“Mesmo os que dizem não gostar e se alienam dos processos políticos já estão exercitando a política de virar as costas”

Marcus Alves



Foto: Arquivo Pessoal



Supremacia dos poderes



Econômico, ideológico & político

Para sociólogo, o poder não está centrado apenas nas estruturas políticas, sociais e econômicas: não é sobre ter; é sobre exercer

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

O substantivo masculino “poder” tem, segundo o dicionário léxico, pelo menos dez definições que passam por capacidade para solucionar (algo); autoridade; jurisdição; ação de gerir ou governar uma nação, uma sociedade ou um grupo ou ainda aptidão ou faculdade de fazer ou concretizar certos atos; faculdade ou capacidade: ter o poder de falar em nome de alguém.

Considerado o filósofo da democracia e um dos mais importantes intelectuais do século passado, o italiano Norberto Bobbio escreveu no livro ‘A Teoria das Formas de Governo’ que os poderes econômico, ideológico e político chegam a se

sobrepôr ao Executivo, Legislativo e Judiciário.

Sobre o poder econômico, o pensador descreve que os detentores são os donos dos meios de produção, da terra, indústrias, empresas. São os que possuem bens e que pela condição exercem poder sobre o lado oposto, ou seja, os trabalhadores. Em relação ao poder ideológico, não resta dúvida de que seja a influência das ideias criadas por essa mesma classe dominante citada acima e que trabalha no sentido de manter as estruturas intactas.

E, por fim, o filósofo explica o poder político como sendo a estrutura burocrática através da qual os grupos garantem a manutenção dos privilégios, se valendo inclusive da força. Bobbio afirma que quem tem

poder econômico e ideológico tem por conseguinte poder político. Em meio às várias teorias, pesquisas e estudos dos mais variados campos do conhecimento, o apresentado por Norberto Bobbio faz refletir sobre quão intrínseca é essa relação entre esses poderes, que por vezes parecem ser um só, como uma tríade.

“São relações transversais, não existem fronteiras e limites claros onde começa um e termina o outro”. A afirmação do sociólogo Marcus Alves sugere pensar tais poderes à luz da sociologia weberiana, colocando o exercício de poder como pressuposto recorrente da ideia de conflito. “O poder aparece como probabilidade de imposição. Quando você impõe uma vontade a um indivíduo ou grupo, você está exercendo o

poder, podendo sempre encontrar resistência”. É dentro desse contexto que a política entra como mediadora, coloca o professor acadêmico que é também escritor e jornalista.

Marcus Alves aponta também a sociologia contemporânea no tocante ao trabalho do poder como capacidade transformadora. “Levando-se em consideração a capacidade que os indivíduos e os grupos têm de mudar cenários e eventos, alterar cenários e eventos”, nesse sentido, o poder seria mais difuso e estaria presente em todas as relações sociais, nas maiores e nas mais elementares.

O sociólogo faz também uma reflexão à luz do teórico social e historiador das ideias Michel Foucault, filósofo francês contemporâneo que muito se dedicou às relações e refle-

xões entre conhecimento e poder. “Entra em questão a ideia de uma microfísica do poder, que basicamente diz que o poder não está centralizado em uma instituição, em um lugar ou em uma pessoa, mas está horizontalizado e difuso. Não existe um lugar para o exercitá-lo, ele tem um território amplo, vasto, recortado, esta é a lógica desenvolvida por Foucault”.

O pesquisador faz analogia a uma rede de dispositivos presente em todos os ambientes. “Não está centrado em Brasília, apenas nas estruturas políticas, sociais e econômicas de Brasília, está aqui ao nosso lado e qualquer um pode acessar. Não é sobre ter; é sobre exercer”, explica, se relacionando ao Brasil, como exemplo.

A judicialização da política: operações, impeachment e cassações

Para tratar da judicialização da política, um tema relevante no Brasil dos últimos tempos, é interessante pontuar que desde a instituição da Constituição de 1988 o Supremo Tribunal Federal (STF) tem, gradativamente, ganhado força. O órgão, formado por onze ministros, considerado o guardião da Constituição Federal, é responsável por julgamentos que entraram para a história do país. Impeachment, cassações, operações de combate à corrupção, entre outras tantas atuações que acabam por trazer à tona um questionamento sobre a possibilidade de atuação política do órgão que reúne a cúpula do Poder Judiciário.

Há sobre a questão duas proposições. Uma que discorre sobre o aumento da influência do Judiciário com seu poder de regulação e fiscalização em relação ao Executivo e ao Legislativo, fazendo-se assim cumprir o que determina a constituição e consequentemente garantindo o bem estar social e impedindo possíveis excessos e irregularidades e há também a ideia de uma possível relação de superioridade em relação aos demais poderes, que resultaria em uma espécie de governo ou estado de juizes, tido inclusive por alguns estudiosos como antidemocrático, uma vez que decisões de extrema relevância para o país acabam sendo tomada por membros do Judiciário.

Entre juristas e magistrados, o tema é visto com cautela. A opinião da advogada Isabela Cabral é favorável à judicialização da política, de maneira ponderada e a depender do caso. “Em último caso, quando o devido processo legal é totalmente respeitado. É um processo para a

legalização, moralização e ética do sistema eleitoral brasileiro”.

A jurista lembra também que o sistema é passível de erros, uma vez que é formado por pessoas. “Por isso a sociedade, através de todos os instrumentos, inclusive com o jornalismo, deve fiscalizar e acompanhar e, consequentemente, o Judiciário deva também ter lisura, transparência e publicidade em todo o processo para não gerar na população essa insegurança jurídica”.

Quando precisam tomar decisões sobre o curso da política, os ministros, no caso da mais alta instância do Poder Judiciário, estariam muitas vezes se sobrepondo ao voto de milhares de brasileiros. “Realmente, não deveria o Judiciário intervir no processo eleitoral ao ponto de prejudicá-lo. Mas, infelizmente, lidar com a coisa pública não é tarefa fácil e é por vezes desvirtuada. Isso não é uma bandeira ideológica, diz respeito a estabelecer ética, porque a coisa pública não pode ser utilizada de forma aleatória. Da mesma forma que defendo que se o agente do Judiciário exercer qualquer tipo de manipulação na sua decisão deva responder

Foto: Arquivo Pessoal



“ Não deveria o Judiciário intervir no processo eleitoral ao ponto de prejudicá-lo. Mas, infelizmente, lidar com a coisa pública não é tarefa fácil e é por vezes desvirtuada ”

Isabela Cabral

processo. Os julgadores também têm que ser fiscalizados”.

A advogada lembra que as questões eleitorais são quase sempre tratadas de forma ideológica e o que deve ser visto, e o que está sendo debatido, é a questão da harmonia e fiscalização entre os poderes. “Nós podemos

exemplificar também que, quando um presidente edita uma medida provisória, está exercendo função de Legislativo, que é uma função atípica. Guardadas as devidas proporções, se for o caso o Judiciário pode assumir sim o papel do Executivo. O mais importante é exercer o labor com imparcialidade”.